

I M A T E R I A L



FESTIVAL IMATERIAL

Património pensado e vivido

Heritage we think and live by

1–9 OUT 2022

Évora, Portugal

FICHA TÉCNICA

IDEIA E CONCEPÇÃO

Carlos Seixas e Luís Garcia

ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal de Évora/DCP em parceria com a Fundação Inatel

DIREÇÃO GERAL

Luís Garcia

DIREÇÃO ARTÍSTICA

Carlos Seixas

PRODUÇÃO EXECUTIVA

GINDUNGO

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Francisca Lima

Marta Dobosz

Joana Dias

DIREÇÃO TÉCNICA

António Rebocho

João Paulo Nogueira

Manuel Chambel

Pedro Bilou

Leston Design - Pedro Leston,

Paulo Correia e Francisco Leston

CURADORIA CICLO DE CINEMA

Lucy Durán

PRÉMIO IMATERIAL - ESCULTURA

Pedro Fazenda

COMUNICAÇÃO

Divisão de Comunicação CME

Creative Industries Programmes by

SC - Sara Cavaco / Sara Espírito Santo

(Sara Does PR) / Sandra Lopes

Joana Dias

Raquel Bulha

vivóeusébio

TEXTOS

Gonçalo Frota

TRADUÇÕES

Nicholas Carvalho

CONCEPÇÃO GRÁFICA

vivóeusébio

VÍDEO e FOTOGRAFIA

GMT Produções

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO

Adelino Rodrigues

Aminata Barry

Ana Dias

Ana Duarte

José Bugalho

Margarida Mouro

Maria de Jesus Tenda

Sónia Melro

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Miguel Madeira

Paulo Caroch

Tomé Baixinho

EQUIPAMENTOS E ESTRUTURAS

Nuno Urbano

João Matos

Carlos Remígio

Renato Rainha

Retomo as palavras certas do Vereador Eduardo Luciano, à data da 1ª edição deste Festival:

“Imaterial é nome de Festival que será também uma forma de nos questionarmos em torno de expressões musicais únicas e que apenas são estranhas enquanto não as conhecermos, enquanto não as vivermos.

Juntaram-se parceiros, sonharam-se cenários, arriscaram-se improbabilidades e há um universo a acontecer em Évora.”

Neste mundo que alguns querem uniformizar para que melhor sirva só alguns, afirmar, defender e promover a diversidade cultural e dos povos é essencial para a construção de uma sociedade mais tolerante, mais desenvolvida com maior igualdade social, enfim, respirando verdadeira “Humanidade”.

Évora, que ao longo dos séculos, acolheu e interligou diferentes povos e culturas, é o lugar certo para abrir os braços ao conhecimento e ao diálogo intercultural, para valorizar a diversidade que a todos enriquece. No Imaterial, a cultura assume esse seu papel transformador. Mas é muito mais do que isso: é a música e a arte, é a descoberta e o fascínio, é o encontro e o cruzamento cultural, é a alegria e a felicidade pela cultura.

Vamos, então, quebrar fronteiras e preconceitos, acolher grupos e expressões culturais díspares e criar pontes.

Vamos à Festa da Cultura porque ela é universal e portadora de tão necessários valores humanistas.

Em Évora, candidata a capital europeia da cultura / 2027. Claro!

O Presidente da CM Évora,
Carlos Pinto de Sá

In Councilor Eduardo Luciano's accurate words of, during the 1st edition of this Festival:

"Imaterial is the name of a Festival that will also be a way of inquiring about unique musical expressions that are only strange as long as we don't know them, as long as we haven't experienced them.

Partners came together, scenarios were dreamed up, improbabilities were risked, and there is a universe happening in Évora."

In this world that some want to standardize so that it serves only a few, affirming, defending and promoting cultural diversity is essential for the construction of a more tolerant, more developed society with greater social equality. In short, breathing true "Humanity".

Évora, which over the centuries has welcomed and interconnected different peoples and cultures, is the right place to accept knowledge and intercultural dialogue, to value the diversity that enriches everyone. At Imaterial, culture takes on its transforming role. But it's much more than that: it's music and art, it's discovery and fascination, it's meeting and cultural crossing, it's joy and happiness for culture.

Let's then break down borders and prejudices, welcome different cultural groups and expressions and create connections.

Let's go to the Culture Festival because it is universal and carries much-needed humanist values.

In Évora, candidate for European culture capital / 2027. Of course!

Mayor of Évora,
Carlos Pinto de Sá

A Fundação INATEL renova, em 2022, o protocolo de parceria estratégica com o Município de Évora para em coorganização, fazer acontecer o Festival IMATERIAL.

Esta parceria assenta na própria história e missão da Fundação. Um dever que segue na senda do seu dever, já de 87 anos de vida, em que a Fundação INATEL promove em todo o território nacional um reforço da relação de confiança que desenvolveu historicamente com a sociedade portuguesa, a qual se expressa na ampla e diversificada base associativa vinculada à mesma, de mais de 2000 associações que de norte a sul do país são os agentes culturais do território. Ao mesmo tempo, observa na sua ação um profundo respeito pela tradição cultural popular portuguesa, que procura preservar em toda a sua autenticidade, conferindo-lhe, sem pudor, laivos de contemporaneidade. Uma tradição que vive e que habita as comunidades, crescendo com elas e impregnando-as de espírito de identidade e pertença. É no seguimento deste caminho, que a Fundação INATEL, recebe em junho de 2010, durante a 3ª Sessão da Assembleia-geral dos Estados signatários da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da UNESCO, a acreditação como consultora do Comité Intergovernamental.

O Festival IMATERIAL é no contexto sociocultural atual urgente e necessário. Os diálogos interculturais imprimem a nota de que são as diferenças que nos destacam numa globalidade que nos aglutina e engole. São o espelho da unicidade e da identidade que está inscrita no código genético de cada povo, de cada comunidade. É nesta mostra, um convívio de ADN, que se constrói o respeito pela diversidade, assumindo-a como um elemento de riqueza cultural e quiçá, no futuro da paz e bem-estar entre os povos. Fica o convite da Fundação INATEL para que revisitando lugares de outros tempos, possamos criar outros lugares e outros tempos! Sejam bem-vindos!

Francisco Madelino
Presidente do Conselho de
Administração da Fundação INATEL

The INATEL Foundation renewed the protocol of strategic partnership with the Municipality of Évora to co-organize the IMATERIAL Festival again in 2022.

This partnership is based on the Foundation's own 87-year-old history and mission. Throughout the country, the INATEL Foundation fosters a reinforcement of the trust-based relationship that it has historically developed with Portuguese society. This national relationship is expressed in the wide and diversified associative base linked to it - more than 2000 associations that, from north to south, are the cultural agents of the territory. Simultaneously, it has a deep respect for the Portuguese popular cultural tradition, which it seeks to preserve in all its authenticity, giving it a touch of unabashed contemporaneity. A tradition that lives on and that inhabits communities, growing with them and imbuing them with a spirit of identity and belonging. In this vein, in June of 2010, the INATEL Foundation received accreditation as a consultant to the Intergovernmental Committee, during the 3rd Session of the General Assembly of the Signatory States of the Convention for the Safeguarding of UNESCO's Intangible Cultural Heritage.

In the current sociocultural context, the IMATERIAL Festival is urgent and necessary. Intercultural dialogues give the impression that it is the differences that make us stand out in a globality that brings us together and engulfs us. They are the mirror of the uniqueness and identity that is inscribed in the genetic code of each people, of each community. It is in this display, a sharing of DNA, that respect for diversity is built, accepting it as an element of cultural wealth and, perhaps, in the future of peace and well-being among peoples. The INATEL Foundation invites you to revisit places from other times so that we can create other places and other times! Welcome!

Francisco Madelino
Chairman of the INATEL
Foundation's Board of Directors

1 OUT 21h30	PALÁCIO DOM MANUEL	CERIMÓNIA DE ABERTURA / OPENING CERIMONY HELDER MOUTINHO Portugal CANTADORES DO DESASSOSSEGO Portugal
2 OUT 15h30	AUDITÓRIO SOROR MARIANA	CINEMA LIKE A GOD WHEN HE PLAYS Madagascar, 1997 CELIA LOWENSTEIN França / EUA / Reino Unido
18h00	TEATRO GARCIA DE RESENDE	CONFERÊNCIA / CONFERENCE POR UM (MAT)RIMÓNIO IMATERIAL NEGRO pela ASSOCIAÇÃO UNIÃO NEGRA DAS ARTES
21h30	TEATRO GARCIA DE RESENDE	CONCERTO / CONCERT PARVATHY BAUL India TARTA RELENA Catalunha Encontro Ibérico de Música / Iberian Music Meeting
3 OUT 15h30	AUDITÓRIO SOROR MARIANA	CINEMA POLYPHONIA - Albania's Forgotten Voices Albania 2012 BJÖRN REINHARDT e ECKEHARD PISTRICK Alemanha/Albânia
18h00	TEATRO GARCIA DE RESENDE	CONFERÊNCIA / CONFERENCE MANIFESTO A CRIOLIZAÇÃO, UMA POÉTICA DE PARTILHA PARA MULTIPLICAR por Mário Lúcio de Sousa
21h30	TEATRO GARCIA DE RESENDE	CONCERTO / CONCERT ANNIE EBREL & RICCARDO DEL FRA Bretanha VERDE PRATO Catalunha Encontro Ibérico de Música / Iberian Music Meeting
4 OUT 18h00	AUDITÓRIO SOROR MARIANA	CINEMA ELDERS' CORNER: A MUSICAL VOYAGE OF REDISCOVERY Nigéria 2021 SIJI AWOYINKA , Nigéria / Reino Unido / EUA
21h30	TEATRO GARCIA DE RESENDE	CONCERTO / CONCERT SAZ'ISO Albânia BANDUA Portugal Encontro Ibérico de Música / Iberian Music Meeting
5 OUT 15h30	AUDITÓRIO SOROR MARIANA	CINEMA ESTREIA MUNDIAL / WORLD PREMIERE ALL MIGHTY MAMA DJOMBO França, Guiné-Bissau 2022 SYLVAIN PRUDHOMME e PHILIPPE BÉZIAT
18h00	TEATRO GARCIA DE RESENDE	CONFERÊNCIA / CONFERENCE APRESENTAÇÃO DO PROJECTO "É PRECISO AVISAR TODA A GENTE": MÚSICA E EXÍLIO EM FRANÇA DURANTE O REGIME DO ESTADO NOVO (1933-1974) por Manuel Deniz Silva, Ricardo Andrade e Hugo Castro
21h30	TEATRO GARCIA DE RESENDE	CONCERTO / CONCERT AMÉLIA MUGE Portugal TANXUGUEIRAS Galiza Encontro Ibérico de Música / Iberian Music Meeting

6 OUT 15h30	AUDITÓRIO SOROR MARIANA	CINEMA POVO QUE CANTA [seleção de três filmes dos Arquivos da RTP] Portugal 1972 Autoria MICHEL GIACOMETTI Realizado por ALFREDO TROPA
18h00	PALÁCIO DOM MANUEL	CONFERÊNCIA / CONFERENCE TANGO E CHAMAMÉ. DUAS MÚSICAS E DANÇAS PATRIMONIAIS DA ARGENTINA. CLÁSSICOS E FUTUROS CLÁSSICOS por LILIANA BARELA, Argentina
21h30	PALÁCIO DOM MANUEL	CONCERTO / CONCERT NATCH Cabo Verde
7 OUT 15h30	AUDITÓRIO SOROR MARIANA	CINEMA SIGO SIENDO (KACHKANIRAGMI) Peru 2013 JAVIER CORCUERA Peru / Espanha
18h00	PALÁCIO DOM MANUEL	CONFERÊNCIA / CONFERENCE O ESTADO GERAL DO CANTE EM 2022 por PAULO LIMA, FRANCISCO TORRÃO e JOSÉ GUERREIRO
21h30	PALÁCIO DOM MANUEL	CONCERTO / CONCERT BARRUT Occitânia LIA DE ITAMARACÁ Brasil
8 OUT 16h00	PALÁCIO DOM MANUEL	CONFERÊNCIA / CONFERENCE APRESENTAÇÃO DO LIVRO SEVERA 1820, EDIÇÃO COMEMORATIVA DO DUPLO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MARIA SEVERA ONOFRIANA (1820-1846) E DOS DEZ ANOS DA INSCRIÇÃO DO FADO NA LISTA REPRESENTATIVA DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL DA UNESCO (2011-2021) por PAULO LIMA e JOSÉ MOÇAS
18h00	PALÁCIO DOM MANUEL	CONFERÊNCIA / CONFERENCE O CONTÍNUO APARTHEID NA MÚSICA INTERNACIONAL. COLONIALISMO E RACISMO NOS MASS MEDIA por IAN BRENNAN e MARILENA UMUHOZA DELLI Estados Unidos / Itália
19h00	PÁTIO DA FUNDAÇÃO INATEL	CONCERTO / CONCERT BARRUT Occitânia
21h30	PALÁCIO DOM MANUEL	CONCERTO / CONCERT SOONA PARK Coreia do Sul
9 OUT 16h00	SEDE CANTARES DE ÉVORA	PETISCAR COM O CANTE E COM O FADO com CANTARES DE ÉVORA e HELDER MOUTINHO Entradas limitadas sujeitas à lotação da sala
21h30	PALÁCIO DOM MANUEL	ENTREGA DO PRÉMIO IMATERIAL - LUCY DURÁN CERIMÓNIA DE ENCERRAMENTO CONCERTO / CONCERT FARNAZ MODARRRESIFAR & HAÏG SARIKOUYOUNDJIAN Irão / Arménia GRUPO DE CANTARES DE ÉVORA Portugal

A tradição começa quando um costume ou hábito aprende a infiltrar-se na vida das gentes e, como se tivesse estado sempre ali, procura a eternidade na transmissão de geração em geração, assumindo-se como um saber e uma história partilhados. O Imaterial nasceu ainda há pouco, em 2021, mas é esse caminho que quer fazer, pensando, reflectindo e divulgando o património dos povos de todo o mundo, espalhando as suas visões da vida e contribuindo para um entendimento mais pleno e harmonioso entre aqueles que habitam o planeta em cada momento histórico. Sabendo escutar-se, respeitar-se e reconhecer-se. Porque um espelho que nos devolve apenas a nossa imagem de pouco serve – não promove a descoberta, limita-se a confirmar aquilo que de nós já conhecemos. Vamos ainda para a segunda edição, mas a segunda de muitas. As raízes estão plantadas na terra e a crescer.

Na sequência do reconhecimento por parte da UNESCO, em 2014, do cante alentejano como expressão cultural elevada a Património Imaterial da Humanidade, também o cante, mesmo que simbolicamente, era colocado ao lado de outros preciosos géneros musicais do planeta. Mas acreditamos que essa distinção não é uma prateleira vistosa onde se guardam as honras e as distinções recolhidas ao longo da vida. O Imaterial procura, por isso, colocar em diálogo e oferecer um palco a expressões musicais e culturais vivas, que continuam a contar a história dos vários povos que habitam o mundo, abrindo-nos janelas e portas para os seus quotidianos. Sem intenção de mera preservação museológica. Porque esta é música que existe hoje, que é cantada e tocada por quem agora a reivindica como sua e a partilha com os públicos.

No Imaterial, temos como verdade que o património só existe se houver quem o reclame e quem o reinterprete, quem saiba escutar o passado, com ele aprender, mas nele não encontrar uma prisão e uma limitação. Activar um património é levá-lo connosco e é saber escutar para então acrescentar alguma coisa. Ouvirmo-nos é a melhor forma de percebermos quem somos e onde estamos. É isso que, mais uma vez, queremos fazer juntos.

Tradition begins when a custom or habit learns to infiltrate people's lives and, as if it had always been there, seeks eternity in the transmission from generation to generation, taking on the role of a shared knowledge and history. Imaterial appeared not long ago, in 2021, but it is this path that it wants to take, thinking, reflecting and disseminating the heritage of peoples from all over the world, spreading their visions of life and contributing to a fuller and more harmonious understanding between those who inhabit the planet at each historical moment. Knowing how to listen, respect and recognize itself. Because a mirror that only returns our own image is of little use – it does not promote discovery, it merely confirms what we already know about ourselves. We are only heading into the second edition, but the second of many. The roots are planted in the earth and growing.

Following the recognition by UNESCO, in 2014, as a cultural expression put on the Intangible Cultural Heritage list, the Cante Alentejano, even if symbolically, was placed alongside other precious musical genres on the planet. But we believe that this distinction is not a flashy pedestal where honors and distinctions collected throughout life are kept. Therefore, Imaterial seeks to establish a dialogue and provide a stage for living musical and cultural expressions, which continue to tell the story of the various peoples that inhabit the world, creating a way to view their daily lives. Without any intention of mere museological preservation. Because this is music that exists today, that is sung and played by those who now claim it as their own and share it with the public.

At Imaterial, we know that heritage only exists if there is someone who claims it and who reinterprets it, who knows how to listen to the past, learn from it, but not find it a prison and a limitation. Activating a heritage means taking it with us and knowing how to listen and then add something. Hearing ourselves is the best way to understand who we are and where we are. That's what, once again, we want to do together.

MÚSICA E TERRA: A RELAÇÃO DA MÚSICA COM O LUGAR E A NATUREZA

Seis Documentários, 1962-2022, selecionados por Lucy Durán

Os seis filmes selecionados para exibição neste festival acústico especial Imaterial, na bela cidade Património Mundial de Évora, representam 60 anos de documentários realizados entre 1962-2022. Estes são escolhidos porque ressoam com os objetivos do Imaterial, e variam de imagens vintage de música rural portuguesa à exibição de estreia de um filme sobre um cantor veterano da Guiné-Bissau que volta para casa após um longo exílio. Os filmes apresentam músicas cuidadosamente pesquisadas e raramente vistas, rodadas em locais na Nigéria, Madagascar, Peru, Portugal, Albânia, França e Guiné-Bissau, e contam histórias envolventes e sensíveis sobre artistas excepcionais que estão dedicados à sua cultura e terra, muitas vezes diante de circunstâncias difíceis. Nada é clichê.

MUSIC & LAND: THE RELATIONSHIP OF MUSIC TO PLACE AND NATURE

Six Documentary Films, 1962-2022, selected by Lucy Durán

The six films selected for screening at this special acoustic festival Imaterial, in the beautiful World Heritage city of Evora, represent 60 years of documentaries made between 1962-2022. They are chosen because they resonate with the aims of Imaterial, and vary from vintage footage of rural Portuguese music to a premiere screening of a film about a veteran singer from Guinea Bissau as he returns home after long exile. The films feature carefully researched and rarely-seen music shot on location in Nigeria, Madagascar, Peru, Portugal, Albania, France, and Guinea Bissau, and they tell engaging and sensitive stories about exceptional artists who are committed to their culture and land, often in the face of harsh circumstance. Nothing is cliché.

Made by distinguished directors, these documentaries are thoughtful and passionate portrayals of music. Several have not been screened in public for some years; some of the artists portrayed have since passed away.

Feitos por realizadores ilustres, estes documentários são retratos profundos e apaixonados da música. Vários não são exibidos em público há alguns anos; alguns dos artistas retratados já faleceram.

Em cada filme, a relação entre música e terra é diversa e frágil, levantando muitas questões sobre como salvaguardar o património musical icónico nas circunstâncias em rápida mudança do século XXI, ao mesmo tempo que celebra a sua continuidade e beleza.

Sempre que possível, contaremos com a presença dos realizadores ou comentadores especialistas da região de origem.

LUCY DURÁN é professora de música na SOAS University of London, especialista na música do Mali com uma longa experiência prática como apresentadora da BBC Radio, produtora de álbuns (com três nomeações para os prémios Grammy) e documentarista.

OS REALIZADORES OU A CURADORA DO CICLO ESTARÃO PRESENTES PARA COMENTAR OS FILMES E RESPONDER A PERGUNTAS.

In each film, the relationship between music and land is diverse, and fragile, raising many questions about how to safeguard iconic musical heritage in the rapidly changing circumstances of the 21st century, while also celebrating its continuity and beauty.

Where possible, we will be joined by the film directors or specialist commentators from the region of origin.

LUCY DURÁN is Professor of Music at SOAS University of London specialising in the music of Mali with a long practical background as BBC Radio presenter, album producer (with three Grammy nominations) and documentary filmmaker.

UNLESS OTHERWISE SPECIFIED, THE DIRECTORS WILL BE PRESENT TO COMMENT ON THE FILMS AND ANSWER QUESTIONS.

Estudioso e conhecedor profundo do fado e das suas milhentas histórias e infundáveis mitos, Helder Moutinho canta com a clarividência de quem sabe o peso justo de cada palavra, enchendo de luz a emoção e as imagens escondidas por detrás de cada verso. Fadista discreto e muitas vezes ao serviço da carreira dos outros, enquanto manager e agente, Moutinho é um fadista que se coloca ao serviço do fado – e não servindo-se do fado, o que é bem diferente –, e é essa relação que se escuta na imensa elegância da sua voz, fazendo de cada

tema um clássico instantâneo. Com uma discografia espaçada, de quem só acrescenta ao repertório depois de as composições provarem que estão à altura, este é um intérprete que canta apenas quando o fado lhe exige que o faça e que, em cada ocasião, nos convence de que é um privilégio poder assistir a esses momentos. Enquanto não avança para o sucessor de *Manual do Coração* (2016), partilha com o Imaterial o ponto em que se encontra este seu fado que, com os anos, se tem tornado mais depurado e essencial.

Helder Moutinho

PORTUGAL



PALÁCIO DOM MANUEL
1 OUT
21h30

A studios and profound connoisseur of fado and its countless stories and endless myths, Helder Moutinho sings with the clairvoyance of someone who knows the right weight of each word, filling the emotion and images hidden behind each verse with light. A discreet fado singer and often at the service of other careers, as a manager and agent, Moutinho is a fado singer who puts himself at the service of fado – while not using fado, which is quite different –, and it is this relationship that you can hear in the

immense elegance of his voice, making each song an instant classic. He only adds to his spaced discography after the compositions prove that they are up to the mark, this is a performer who sings only when fado requires him to do so and who, on each such occasion, convinces us that it is a privilege to be able to witness those moments. Whilst he does not release the successor to *Manual do Coração* (2016), he shares with Imaterial the point where his fado is, which, over the years, has become more refined and essential.

A reunião espontânea deste grupo coral de cante alentejano aconteceu na antiga Taberna do Alinho (posterior Galeria do Desassossego), em Beja. Dessa primeira vez, no convívio motivado pelo aniversário da filha de um deles, foi à volta de uma mesa que, como convém ao cante, juntaram as vozes numas quantas modas. E logo ali perceberam que aquele encontro tinha sido demasiado bom para que durasse apenas uma noite. Ensaaiados pelo mestre Francisco Torrão, que antes passara 40 anos a dinamizar

o Grupo Coral e Etnográfico da Casa do Povo de Serpa, dizem querer criar o seu estilo próprio de cante, juntando as diferentes maneiras de cantar das margens direita e esquerda do Guadiana. O seu surgimento, em 2014, foi tão fulgurante que, pouco depois, percorriam já os palcos de todo o país, levando também o Alentejo até Sevilha ou Budapeste. No palco, na rua ou na taberna, defendem o cante tal como lhes foi passado por pais e avós. Mas ao qual acrescentam vivências próprias, imprimindo-o nas suas vidas.

Cantadores do Desassossego

PORTUGAL



PALÁCIO DOM MANUEL
1 OUT
22h45

The spontaneous meeting of this Cante Alentejano group took place in the old Taberna do Alinho (later Galeria do Desassossego), in Beja. That first time, while socializing at the birthday of one of their daughters, it was around a table that, as befits the Cante, they joined their voices in a number of tunes. And right there they realized that that meeting had been too good to last just one night. Rehearsed by maestro Francisco Torrão, who had spent 40 years at the head of the Grupo Coral e Etnográfico da Casa do Povo

de Serpa, they say they want to create their own style of singing, combining the different ways of singing from the right and left banks of the Guadiana. Its appearance, in 2014, was so brilliant that, shortly after, they were already touring stages across the country, and also taking the Alentejo to Seville or Budapest. On stage, on the street or in the tavern, they defend the Cante as it was passed on to them by their parents and grandparents. But to which they add their own experiences, imprinting it on their lives.

Like a God When He Plays apresenta a música única, e de tirar o fôlego, da ilha mais antiga do planeta. No seu isolamento, evoluíram no Madagáscar plantas e animais que não são encontrados em nenhum outro lugar da Terra. Complementando essa biodiversidade, há uma complexa rede cultural de pessoas que se estabeleceram na ilha ao longo dos séculos, vindos da Indonésia, Índia, Pérsia, País de Gales e África. A música da ilha reflete essas fusões únicas de influência, especialmente naquele que é conhecido como o instrumento nacional do Madagáscar, a *valiha*, um instrumento de cordas do tipo citara com muitas variações encontradas

em toda a ilha, incluindo o *marovany*, tornado famoso pelo lendário músico Rakotozafy (1933-74), que morreu em circunstâncias misteriosas. *Like a God When He Plays* segue Paddy Bush, um músico e fabricante de instrumentos irlandês (irmão da famosa cantora Kate Bush), e o seu irmão espiritual Justin Vali, considerado o maior músico vivo da *valiha*, enquanto atravessam a ilha através de dramáticas paisagens para assistir à cerimônia de reenterro (*famadihana*) de seu herói musical, Rakotozafy, na sua aldeia natal, perto do Lago Alaotra. Nesta viagem emocionante, eles brindam os públicos locais deslumbrados com duetos de *valiha* encantadores.

CELIA LOWENSTEIN é uma realizadora/produtora/escritora cujos filmes são um híbrido de estilos que incluem ficção narrativa, musicais, documentários e filmes em verso. Com interesse pessoal em música, ciência, arte, poesia e o discurso de ideias, os seus filmes foram exibidos em salas de cinema, festivais, e exibidos na BBC, Channel 4 (UK), Channel 5 (UK), ARTE/ZDF (Alemanha e França), canais PBS,

Animal Planet, NOVA, National Geographic, HBO, Discovery e Biography. Em 2019, foi premiada com Melhor Documentário no International Women's Film Festival pelo seu filme sobre a história do povo judeu através da arquitetura da sinagoga. Enquanto trabalha atualmente em vários projetos cinematográficos, vive entre Paris e Santa Fé, Novo México.

Realizado por
Directed by
CELIA LOWENSTEIN FR / EUA / UK
59'32



CELIA LOWENSTEIN is a director/producer/writer whose films are a hybrid of styles which include narrative fiction, musicals, documentary and films in verse. With a personal interest in music, science, art, poetry and the discourse of ideas, her films have been screened in cinemas, film festivals and shown on the BBC, Channel 4 (UK), Channel 5 (UK), ARTE/ZDF (Germany and France), PBS, Animal Planet,

NOVA, National Geographic, HBO, Discovery and Biography channels. In 2019 she was awarded the Best Documentary at the International Women's Film Festival for her film on the story of the Jewish people through the architecture of the synagogue. Whilst currently working on several film projects she lives between Paris and Santa Fe, New Mexico.

Like a God When He Plays

MADAGASCAR 1997

AUDITÓRIO SOROR MARIANA
2 OUT
15h30

Com a presença da realizadora / With the presence of the director

Like a God When He Plays features the unique and breath-taking music of the oldest island on the planet. In its isolation, plants and animals have evolved on Madagascar that are found nowhere else on earth. Complementing this biodiversity is a complex cultural web of people who have settled on the island through the centuries from Indonesia, India, Persia, Wales as well as Africa. The island's music reflects these unique fusions of influence and no more so than what is known as the national instrument of Madagascar, the *valiha*, a zither-type stringed instrument with many variations found throughout the island, including the

marovany, made famous by legendary musician Rakotozafy (1933-74), who died in mysterious circumstances. *Like a God When He Plays* follows Paddy Bush, an Irish musician and instrument maker (brother of famous singer Kate Bush), and his spiritual brother Justin Vali, considered the greatest living player of the *valiha*, as they cross the island across dramatic landscape to attend the reburial ceremony (*famadihana*) of their musical hero, Rakotozafy, in his home village near Lake Alaotra. On this emotional journey, they treat astonished local audiences to enchanting *valiha* duets.

Por um (MAT)rimónio Imaterial Negro

TEATRO GARCIA DE RESENDE
2 OUT
18h00

Associação União Negra das Artes — ANA TICA / IRIS DE BRITO / MÁIRA ZENUN / PINY

O património cultural nas suas diversas formas – monumentos, paisagens, celebrações, formas de expressão, coleções, saberes, fazeres, etc. – representa valores de autenticidade e de relevância histórica. Além disso, ele também pode representar uma poderosa narrativa sobre a “identidade” nacional, de modo que o processo de tombamento, ou de registo, geralmente são efetuados quando um bem cultural representa expressões artísticas e históricas entendidas como relevantes para um grupo social, ou para um país. Na margem oposta, políticas de migração, planeamento urbano com base na segregação racial e violentos processos de despejos de comunidades negras em Portugal, complexificam uma discussão sobre o património material e imaterial dessa população.

Quais são as vozes e corpos políticos que clamam por uma autogestão do património? Como os grupos subalternizados e oprimidos, muitas vezes destituídos de propriedade, se inserem nas políticas de representação do património cultural e propriedade intelectual de um país? Como podemos pensar em acervos, políticas públicas, historiografia, legado e mapeamento, para consolidar os diversos patrimónios da população negra em Portugal? A UNA organiza, portanto, a Conferência-dança Por um (MAT)rimónio Imaterial Negro, no âmbito do Festival Imaterial, para reflectirmos sobre o que tem sido reservado à população negra em Portugal nos processos de definição e ressignificação do património material e imaterial do país. Serão duas horas de encontro e entrega, com o público do festival, no intuito de promover a experiência de ativação dos corpos, a partir da estimulação das mentes em harmonização com os afetos.

PROGRAMA

- 1 – Momento dança – Que movimento tem esse corpo?
 - 2 – Momento imagem – Que história conta esse corpo?
 - 3 – Momento palavra – Que património tem esse corpo?
- Físico, sensorial, memorial e de herança?

PROGRAMME

- 1 – Dance moment – What movement does this body have?
 - 2 – Image moment – What story does this body tell?
 - 3 – Word moment – What heritage does this body have?
- Physical, sensory, memorial and legacy?

For a Black Intangible (MAT)rimony

Associação União Negra das Artes — ANA TICA / IRIS DE BRITO / MÁIRA ZENUN / PINY

Cultural heritage in its various forms – monuments, landscapes, celebrations, forms of expression, collections, knowledge, practices, etc. – represents values of authenticity and historical relevance. In addition, it can also represent a powerful narrative about national “identity”, so the process of listing, or registration, is usually carried out when a cultural property represents artistic and historical expressions thought to be relevant to a social group, or for a country. On the other hand, migration policies, urban planning based on racial segregation and violent processes of eviction of black communities in Portugal, complicate a debate about the material and immaterial heritage of this population.

What are the voices and political entities that call for self-management of heritage? How do subordinated and oppressed groups, often deprived of property, fit into a country's policies of representation of cultural heritage and intellectual property? How can we think about collections, public policies, historiography, legacy and mapping, to consolidate the different heritages of the black population in Portugal? UNA therefore organizes the Dance-conference Por um (MAT)rimónio Imaterial Negro (For a Black Intangible (MAT)rimony), within the scope of the Imaterial Festival, to reflect on what has been reserved for the black population in Portugal, in the processes of definition and resignification of the material and immaterial heritage of the country. These will be two hours of meeting and dedication with the festival's audience, in order to promote the experience of bodily activation, beginning with the stimulation of minds in harmony with feelings.



© Vera Correia

O mestre de Parvathy Baul, o cantor e guru Sri Sanatan Das Baul, apontou claramente para aquele que acreditava ser o desígnio maior da sua discípula: estabelecer uma ponte entre o mundo ancestral dos mestres baul e o mundo moderno. E as suas instruções para cumprir esta missão foram simples: toma nota, arquiva e ensina. Desta forma, aprendendo com os seus antepassados do povo Baul, um grupo de músicos místicos da região de Bengala, cabe a Parvathy Baul espalhar as canções deste repertório, deixando

que encontrem novos públicos e possam depositar os ensinamentos baul dentro de cada ouvinte. E é fácil perceber como a cantora espalha esta música, que se mistura com uma prática espiritual, ao escutar a forma como a sua voz serpenteia por entre as notas do ektara, o cordofone que vai tocando para acompanhar o seu canto. Podemos desconhecer o significado de cada uma das suas palavras, mas somos levados pela sua voz até um lugar de transcendência impossível de recusar.

Amigas de infância, há muito que Marta Torrella e Helena Ros sabem que há qualquer coisa de muito especial a acontecer quando juntam as suas vozes. Mas só depois da passagem por um grupo coral, de onde trouxeram uma preciosa intimidade com música sacra, renascentista, barroca e romântica, é que perceberam o quanto os seus vários interesses musicais podiam metamorfosear-se numa linguagem própria. É a curiosidade sôfrega a levar que as Tarta Relena tanto cantem afinadas por essas referências

longínquas clássicas quanto pelas músicas tradicionais de várias regiões mediterrânicas. Às vozes, centro absoluto da sua música, juntaram no aclamado álbum de estreia, *Fiat Lux*, apontamentos electrónicos que se estendem como um tapete para as suas melodias entrelaçadas. A singularidade da proposta duo desaguou na criação de um género próprio a que chamam “folk tronadet [arruinada ou estragada, em catalão]” ou “gregoriano progressivo”. Tão enigmático quanto fascinante.

Parvathy Baul

ÍNDIA

TEATRO GARCIA DE RESENDE
2 OUT
21h30



© Akira Yo

We may not know the meaning of each of her words, but we are taken by her voice to a place of transcendence that is impossible to refuse.

Tarta Relena

CATALUNHA



© Duna Valls | Claudia Torrents

TEATRO GARCIA DE RESENDE
2 OUT
22h45

Childhood friends, Marta Torrella and Helena Ros have long known that something very special happens when they join their voices. But it was only after having been in a choir, from which they brought a precious intimacy with sacred, renaissance, baroque, and romantic music, that they realized how much their various musical interests could morph into a language of their own. Tarta Relena are driven by extreme curiosity to sing in tune with these distant classical references,

as well as with traditional music from various Mediterranean regions. On their acclaimed debut album, *Fiat Lux*, to their voices, the absolute centre of their music, electronic details were added, that spread out like a rug for their intertwined melodies. The uniqueness of this duo led to the creation of a genre of their own that they call “folk tronadet [ruined or spoiled, in Catalan]” or “progressive Gregorian”. As enigmatic as it is fascinating.

A música albanesa é muitas vezes considerada o “segredo mais bem guardado” dos Balcãs. Neste filme notável, lento e íntimo, acompanhamos dois pastores de ovelhas numa comunidade remota nas montanhas albanesas de Shpati. Arif, muçulmano, e Anastas, cristão ortodoxo, são amigos há anos, apesar das barreiras religiosas. A sua profunda amizade é constantemente fortalecida pela união na tradição local da polifonia “a capella”. Em 2005 este canto coral, um dos mais antigos da Europa, foi declarado Património Mundial da UNESCO. E, no entanto, permanece pouco documentado. O filme é um retrato da pobreza severa, dos destinos duros e do poder quase mágico da voz humana,

que ajuda as pessoas nas montanhas Shpati a dominar a sua rotina diária surreal, durante uma fase contraditória de mudança pós-socialista onde a migração internacional, nomeadamente para a Grécia, Itália, Alemanha e Reino Unido, afetou uma em cada duas famílias. Mostra também que sonhar com um turismo cultural local sustentável é confrontar outras ideias para a construção de uma estância de desportos de inverno – uma utopia turística, tendo em conta as estações de inverno cada vez mais quentes na região de Shpati. Noutro nível, o filme é um exemplo de como a música – mesmo nos Balcãs – pode construir pontes entre pessoas e religiões.

ECKEHARD PISTRICK, etnomusicólogo Alemão, Professor Assistente no Instituto de Etnomusicologia Europeia da Universidade de Colónia, com foco principal na Música nos Balcãs. Autor da aclamada publicação *Performing Nostalgia - Migration Culture and Creativity in South Albania* (Ashgate, 2015).

BJÖRN REINHARDT estudou cenografia na Art High School em Berlim. Até 2001 trabalhou como cenógrafo e assistente de realização para a Zeitzeugen TV.

Em 1995 realizou o seu primeiro documentário, *After Seven Castles*, desde 2002 vive e trabalha em Maramures na Roménia, como realizador independente de documentários.

LUCY DURÁN (Professora do Departamento de Música, SOAS London University) fez um trabalho intenso de pesquisa na Albânia, apresentando documentários da BBC Radio3 sobre música tradicional e produziu dois álbuns de música tradicional urbana Albanesa, de Tirana e Shkodra.

AUDITÓRIO SOROR MARIANA
3 OUT
15h30

CONFERÊNCIAS
21
CONFERENCES

Polyphonia

Albania's Forgotten Voices

ALBANIA 2012

Realizado por Directed by
BJÖRN REINHARDT e
and ECKEHARD PISTRICK DE/AL
87"

Filme apresentado por Lucy Durán
Film presented by Lucy Durán



Albanian music is often considered the “best kept secret” of the Balkans. In this remarkable, slow-moving, intimate film, we follow two shepherds in a remote community in the Albanian Shpati mountains. Arif, a Muslim, and Anastas, an orthodox Christian, have been friends for years in spite of religious barriers. Their profound friendship is constantly strengthened by joining together in the local tradition of acapella polyphony. In 2005 this choral singing, one of the oldest in Europe, was declared UNESCO-World Heritage. And yet it remains little documented. The film is a portrait of the severe poverty, the harsh fates and the

almost magical power of the human voice, which helps people in the Shpati mountains to master their surreal daily routine, during a contradictory stage of post-socialist change where international migration, notably to Greece, Italy, Germany and the UK has touched upon every second family. It shows also that dreaming of a local sustainable cultural tourism is confronting other ideas for building up a winter sport resort – a touristic utopia, given the increasingly warm winter seasons in the Shpati region. On another level, the film is an example of how music – even in the Balkans – can build bridges between people and religions.

ECKEHARD PISTRICK is a German ethnomusicologist, currently Assistant Professor at the Institute for European Ethnomusicology at the University of Cologne with a focus on Music in the Balkans. He is the author of the acclaimed book *Performing Nostalgia - Migration Culture and Creativity in South Albania* (Ashgate, 2015).

BJÖRN REINHARDT studied stage design at the Art High School in Berlin. Until 2001 he worked as stage designer and assistant film director in Germany. In 1995

he made his first documentary, *After Seven Castles*, and from 2002 onwards, he has been based in Maramures, Romania, working as an independent documentary director.

LUCY DURÁN (Professor of Music, SOAS London University), has worked extensively in Albania, researching and presenting BBC Radio3 documentaries about traditional music, and producing two Albanian music albums of urban folk music, from Tirana and Shkodra.

Manifesto a Crioulização, uma Poética de Partilha para Multiplicar

por MÁRIO LÚCIO SOUSA

TEATRO GARCIA DE RESENDE
3 OUT
18h00

Músico, escritor e pensador essencial da cultura cabo-verdiana, Mário Lúcio Sousa é o autor deste *Manifesto a Crioulização*, no qual defende que todos os povos e todos os indivíduos são crioulos, uma vez que as evidências antropológicas apontam para múltiplas raízes na genealogia de cada habitante do planeta. Em defesa do conceito de “crioulização”, o manifesto defende

uma identidade complexa e miscigenada, por oposição às tendências de demarcação de territórios pretensamente puros. Em suma, Mário Lúcio Sousa clama pela evolução até um estágio da crioulização em que se fale de uma humanidade, de um colectivo que a todos inclui e que acolhe na sua essência a pluralidade de vozes do mundo.

Manifesto to Creolization, a Poetics of Sharing to Multiply

by MÁRIO LÚCIO SOUSA

Musician, writer and essential thinker of Cape Verdean culture, Mário Lúcio Sousa is the author of this *Manifesto to Creolization*, in which he argues that all peoples and all individuals are Creoles, since anthropological evidence points to multiple roots in the genealogy of every inhabitant of the planet. In defence of the concept of “creolization”, the manifesto defends

a complex and mixed identity, in opposition to the tendencies of demarcation of supposedly pure territories. In short, Mário Lúcio Sousa calls for evolution to a stage of creolization in which we speak of a humanity, of a collective that includes everyone and that welcomes in its essence the plurality of voices in the world.



© Rita Ansone

MÁRIO LÚCIO SOUSA, escritor, músico, Ministro da Cultura de Cabo Verde (2011-2016), Prémio PEN Clube Português de Narrativa e Prémio Literário Miguel Torga.

MÁRIO LÚCIO SOUSA. Writer, musician, Minister of Culture of Cape Verde (2011-2016), Portuguese PEN Club Narrative Award and Miguel Torga Literary Award.

O encontro entre a cantora bretã Annie Ebrel e o contrabaixista italiano Riccardo Del Fra aconteceu em 1996 e, pouco depois, esta incomparável união musical ficaria eternizada no álbum *Voulouz Loar – Velluto di Luna*, prémio Diapason d'Or 1999. Ebrel vinha dos seus dois primeiros discos (um registo a cappella e um colaboração com o grupo Dibenn), enquanto Del Fra se sediara em França e aproximara da música tradicional da Bretanha depois de uma década a acompanhar Chet Baker. *Voulouz Loar* ganharia a aura

de clássico instantâneo pelo regresso a uma simplicidade em que a essência da música bretã se apresentava num despojamento contrário às aventuras electrificadas e orquestradas que então a fustigavam. Ao invés dessas modernizações, Ebrel cantava num tocante desamparo os gwerziou (lamentos em bretão) e d'airs de danse, enquanto Del Fra pingava notas choradas pelo contrabaixo à sua volta. A recente reedição do álbum leva-nos agora à redescoberta de um mundo delicado e inebriante.

A voz está no centro de Verde Prato. Projecto a solo de Ana Arsuaga, Verde Prato é uma das mais originais e encantadoras revisitações musicais da tradição oral do País Basco e junta, como se sempre tivesse sido assim, cantos populares e cantos litúrgicos, melodas escutadas a antepassados distantes no tempo e uma electrónica que é contemporânea sem fazer disso um manifesto. Escolhendo o euskera como língua para a sua criação, Arsuaga canta num sopro de voz que lembra Hope Sandoval (dos Mazzy Star) e

Nico (Velvet Underground), e povoa as suas canções com histórias feitas da simplicidade universal da cultura popular. *Kondaira* (2021) o álbum de estreia, segue os passos de um rapaz que abandona a sua aldeia em direcção à cidade, cada canção espelhando os diferentes olhares de quem o vê passar. Uma preciosa narrativa sobre êxodos e migrações, mas também sobre a capacidade de empatia e aquilo que cada um projecta nas existências alheias. Tudo embrulhado em canções tocantes e intimistas.

Annie Ebrel & Riccardo del Fra

BRETANHA

TEATRO GARCIA DE RESENDE
3 OUT
21h30



© R. Dumas

The meeting between the British singer Annie Ebrel and the Italian bassist Riccardo Del Fra took place in 1996 and, shortly afterwards, this incomparable musical union would be immortalized in the album *Voulouz Loar – Velluto di Luna*, awarded the Diapason d'Or in 1999. Ebrel had recorded her first two albums (an a cappella record and a collaboration with the Dibenn group), while Del Fra was based in France and approached the traditional music of Brittany after a decade playing with Chet Baker.

Voulouz Loar would gain the aura of an instant classic by returning to a simplicity in which the essence of Breton music was presented in a stripped-down form contrary to the electrified and orchestrated adventures that then plagued it. Instead of these modernizations, Ebrel sang touchingly helpless gwerziou (laments in Breton) and d'airs de danse, while Del Fra dripped weeping notes from the double bass around him. The recent reissue of the album now takes us to the rediscovery of a delicate and intoxicating world.

Verde Prato

PAÍS BASCO

TEATRO GARCIA DE RESENDE
3 OUT
22h45



© Maria Muriedas

The voice is at the centre of Verde Prato. A solo project by Ana Arsuaga, Verde Prato is one of the most original and charming musical revisitations of the oral tradition of the Basque Country and brings together, as if it had always been like this, popular songs and liturgical songs, melodies heard from distant ancestors in time, and electronic music that is contemporary without making a manifesto of it. Choosing Euskera as the language for her creation, Arsuaga sings in a breath of voice that reminds us of Hope Sandoval (of Mazzy Star) and Nico (Velvet Underground), and fills her songs with stories made from the universal simplicity of popular culture. *Kondaira* (2021), the debut album,

follows in the footsteps of a boy who leaves his village for the city, each song mirroring the different looks of those who see him passing by. A precious narrative about exodus and migrations, but also about the ability to empathize and what each one projects onto the lives of others. All wrapped up in touching and intimate songs.

Dos sons coloridos e comemorativos de *Juju* e *Highlife* à urgência politizada de Afrobeat, músicos nigerianos lideraram alguns dos movimentos musicais mais proeminentes da África a partir de meados do século XX. O seu trabalho formou o pano de fundo contra o qual a nação floresceu após a independência. Então, o que aconteceu com os artistas pioneiros que ganharam destaque durante os anos felizes do país? *Elder's Corner* é uma história comovente de retorno e descoberta através da memória e da música. O realizador, cantor, compositor e produtor Siji Awoyinka passou os seus anos de formação em Lagos durante o boom petrolífero da década de 1970, quando a cidade era uma metrópole movimentada, mas a turbulência política na década de 1980 afastou Awoyinka e a sua família da sua terra natal durante 23 anos. *Elder's Corner* segue seu regresso à

From the colourful, celebratory sounds of *Juju* and *Highlife* to the politicized urgency of Afrobeat, Nigerian musicians have spearheaded some of Africa's most prominent musical movements from the mid 20th century onwards. Their work formed the backdrop against which the nation blossomed after independence. So what happened to the pioneering artists who rose to prominence during the country's halcyon years? *Elder's Corner* is a poignant story of return and discovery through memory and music. Director, singer-songwriter-producer Siji Awoyinka spent his formative years in Lagos during the 1970s oil boom when the city was a bustling metropolis, but political turmoil in the 1980s drove him and his family away from their homeland for 23 years. *Elder's Corner* follows

Nigéria para conversar com alguns dos grandes músicos veteranos da era pós-independência do país: como os lendários líderes da banda Highlife, nomeadamente E.C. Arinze, Victor Olaiya e Victor Uwaifo ("Guitar boy") – todos falecidos desde então – além das carismáticas vocalistas Mary Afi-Usuah e as Lijadu Sisters, entre outros. Refletem sobre o impacto dos tumultos políticos da Nigéria na música, com as paisagens urbanas vibrantes mas desafiadoras do país como cenário. Entrelaçada ao longo deste desenlace está a busca pessoal de Siji pela reconciliação com o passado e com suas próprias raízes musicais. Com música, entrevistas e imagens de arquivo impressionantes, *Elder's Corner* é um conto épico de sobrevivência, uma janela para a cultura popular da África e o inegável poder da música em reconectar o passado com o presente.

his return to Nigeria to talk to some of the great veteran musicians from the country's post-independence era: such as legendary Highlife bandleaders E.C. Arinze, Victor Olaiya, and Victor Uwaifo ("Guitar boy") – all of whom have since passed away – plus charismatic female vocalists Mary Afi-Usuah and the Lijadu Sisters, and others. They reflect on the impact of Nigeria's political upheavals on music, set in the country's vibrant but challenging urban landscapes. Woven throughout this denouement is Siji's personal search for reconciliation with the past and with his own musical roots. With music, interviews and stunning archival footage, *Elder's Corner* is an epic tale of survival, a window onto Africa's popular culture, and the undeniable power of music to reconnect the past with the present.

SIJI AWOYINKA é um multidisciplinar contador de histórias auditivo e visual. Nascido no Reino Unido de pais nigerianos, ele passou grande parte de sua infância em Lagos e Londres antes de ir aos Estados Unidos para perseguir ainda mais suas ambições musicais. Os seus trabalhos musicais aclamados pela crítica incluem *God-given* (BBE 2004), *AdeSIJI* (IVY 2008) e *Home Grown* (IVY 2014); também contribuiu com composição

e produção musical para projetos de Salif Keita, Cesaria Evora, Osunlade e Wunmi. Os seus vídeos ousados e visualmente atraentes; *Yearning For Home*, *Morenike*, *Ijo*, *Lagos Lullabye*, apareceram em vários canais importantes, incluindo a MTV, BBC, VH1, BET e muitos outros. O seu premiado documentário, *Elder's Corner* (2020) estreou no Sheffield Docs, Reino Unido, bem como no DOC NYC.

Elders' Corner: A Musical Voyage of Rediscovery

NIGÉRIA 2021

Com a presença do realizador
With the presence of the director

Realizado por Directed by
SIJI AWOYINKA NG / UK / USA
96"



SIJI AWOYINKA (Writer, Producer, Director) Siji Awoyinka is a multidisciplinary aural and visual storyteller. Born in the UK to Nigerian parents, he spent much of his early childhood in Lagos and London before coming to the US to further pursue his musical ambitions. His critically acclaimed musical works include *God-given* (BBE 2004), *AdeSIJI* (IVY 2008) and *Home Grown* (IVY 2014); he has also has contributed song

writing and production to projects for the likes of Salif Keita, Cesaria Evora, Osunlade and Wunmi. His bold and visually arresting videos; *Yearning For Home*, *Morenike*, *Ijo*, *Lagos Lullabye*, have appeared on a number of major networks including MTV, BBC, VH1, BET and many others. His award-winning documentary film, *ELDER'S CORNER* (2020) premiered at Sheffield Docs, UK as well as DOC NYC.

Até à edição, em 2017, do álbum *At Least Wave Your Handkerchief at Me*, o saze era um género musical que pouco tinha viajado para lá das fronteiras da Albânia. Tinha viajado, é verdade, na bagagem daqueles que deixaram o país aquando do colapso económico de 1997, mas sobretudo como fio que ligava esses migrantes às memórias mais profundas da sua origem. Tudo mudou quando o produtor Joe Boyd (que trabalhou com Pink Floyd ou Nick Drake), há muito intrigado por uma gravação rudimentar que lhe chegara

do Festival de Folclore de Gjirokastrë, decidiu partir para a Albânia à procura dos sons que o tinham encantado e juntou as vozes encantatórias de Donika Pecallari, Adrianna Thanou e Robert Tralo aos instrumentos que ajudam a dar forma a estes “blues albanianos”. Foram eles os protagonistas do álbum que espalhou o feitiço do saze pelo mundo, a partir de um reportório que, segundo descrição da revista *Songlines*, tem um efeito “do outro mundo, misterioso, melancólico e assombroso”.

Imaginar encontros inesperados é uma das mais criativas e compensadoras possíveis abordagens à música. Ao inventarem um lugar de encontro entre o cancionero popular da Beira Baixa e uma reinterpretação moldada pela electrónica *downtempo* berlinense, Tempura the Purple Boy e Edgar Valente criaram o peculiar e fascinante duo Bandua. O álbum nascido dessa parceria proporciona uma das mais originais viagens musicais criadas nos últimos anos em Portugal, como se entrássemos numa nova tradição

ficcionada e fôssemos lembrados de que os lugares são transformados pelas gentes e pela forma como renovam costumes e folclores locais. A partir de poemas e sonoridades beirãs (de influência pagã e mourisca), Tempura e Edgar Valente (cantor do grupo Criatura) deixam que as raízes germinem em sonoridades familiares e estranhas em simultâneo, numa “música profundamente livre e contemporânea”, como lhe chamou o jornal *Público*, que interroga “noções de território, espiritualidade e comunidade”.

Saz'iso

ALBÂNIA

TEATRO GARCIA DE RESENDE
4 OUT
21h30



© Andrea Goertler

Until the release, in 2017, of the album *At Least Wave Your Handkerchief at Me*, saze was a musical genre that had barely travelled beyond the borders of Albania. In fact, it had to travel in the luggage of those who left the country after the 1997 economic collapse, but above all as a thread that connected these migrants to the deepest memories of their origin. Everything changed when producer Joe Boyd (who worked with Pink Floyd or Nick Drake), intrigued by a rudimentary recording which had arrived at the Gjirokastrë

Folklore Festival, decided to leave for Albania in search of the sounds that had mesmerised him and added the enchanting voices of Donika Pecallari, Adrianna Thanou and Robert Tralo to the instruments that help to shape these “Albanian blues”. They were the protagonists of the album that spread the saze spell around the world, based on a repertoire that, according to the description of *Songlines* magazine, has an “otherworldly, mysterious, melancholy and haunting” effect.

Bandua

PORTUGAL



TEATRO GARCIA DE RESENDE
4 OUT
22h45

Imagining unexpected encounters is one of the most creative and rewarding things possible in music. By inventing a meeting place between the popular songbook of Beira Baixa and a reinterpretation shaped by Berlin *downtempo* electronica, Tempura the Purple Boy and Edgar Valente create the peculiar and fascinating duo Bandua. The album born from this partnership provides one of the most original musical journeys recently created in Portugal, as if we were entering a new fictionalized tradition

and being reminded that places are transformed by people and by the way they renew local customs and folklore. Based on poems and sounds from Beira (with pagan and Moorish influences), Tempura and Edgar Valente (singer of the group Criatura) let the roots grow into in simultaneously familiar and strange sounds, in a “profoundly free and contemporary music”, as they called it in the *Público* newspaper, which questions “notions of territory, spirituality and community”.

AUDITÓRIO SOROR MARIANA
5 OUT
15h30

All Mighty Mama Djombo

FRANÇA/ GUINÉ-BISSAU 2022

Filme apresentado por Lucy Durán
Film presented by Lucy Durán

Realizado por Directed by
SYLVAIN PRUDHOMME e
and PHILIPPE BÉZIAT
58"



LUCY DURÁN (Professora do Departamento de Música, SOAS London University) é especializada em música da África Ocidental e trabalhou na Guiné-Bissau, produziu um álbum de um importante músico Guineense e apresentou também documentários da BBC Radio 3 sobre as tradições musicais do país.

LUCY DURÁN (Professor of Music, SOAS London University) specialises in West African music and has worked in Guinea Bissau, producing an album by one of its leading musicians, and has also presented BBC Radio 3 documentaries about the country's distinctive musical traditions.

O carismático cantor e compositor Malan Mané vive há 30 anos no exílio em Montreuil, França, como trabalhador imigrante anônimo. No entanto, ele já foi a estrela de uma das melhores e mais lendárias bandas da África Ocidental, Super Mama Djombo, da Guiné-Bissau - um pequeno e belo país que sofreu com o domínio colonial opressivo e depois com guerras civis e mau governo. Malan de repente viu a sua vida mudar quando recebeu um convite para regressar à sua terra natal para se apresentar à frente de 100.000 pessoas. Acompanhamo-lo nesta viagem emocionante ao reencontrar familiares e antigos colegas de música, e aventurar-se nos luxuriantes remansos da floresta de Bissau, para conhecer a história do nome da banda, que se confunde com santuários animistas e já foi símbolo de resistência ao domínio colonial. De volta à Europa, inspirado por esse reencontro, Malan entra em estúdio para gravar o álbum acústico com o qual sempre sonhou, numa reviravolta incrível do destino.

Charismatic singer-songwriter Malan Mané has lived for 30 years in exile in Montreuil, France, as an anonymous immigrant worker. Yet he was once the star of one of West Africa's finest and most legendary bands, Super Mama Djombo, from Guinea Bissau - a small, beautiful country that has suffered from oppressive colonial rule, and then civil wars and poor governance. Malan suddenly saw his life turn around when he received an invitation to return to his homeland to perform in front of 100,000 people. We follow him on this emotional journey as he reunites with family and old musical colleagues, and ventures deep into the lush backwaters of Bissau's forest, to learn the story of the band's name, which is intertwined with animist shrines and was once a symbol of resistance to colonial rule. Back in Europe, inspired by this reconnection, Malan goes into the studio to record the acoustic album he always dreamed of, in an amazing twist of fate.

All Mighty Mama Djombo foi realizado pelo artista e cineasta francês PHILIPPE BÉZIAT, autor de mais de vinte documentários para cinema e televisão, sobre temas da música clássica, como *Pelléas and Mélisande*, *The Song of the Blind*, *The Wedding*, *Strawinsky-Ramuz* e *Becoming Traviata*. Béziat fez ainda a captação em filme de várias óperas, e o design de vídeo para produções de dança e ópera. O filme *All Mighty Mama Djombo* é baseado no romance *Les Grands* (Gallimard, 2014), do premiado autor francês SYLVAIN PRUDHOMME, que depois da infância passada em África (Camarões, Níger, Burundi, Maurícias), estudou literatura em Paris e começou a escrever romances e reportagens inspirados na África contemporânea. *Les Grands* conta a história de ex-integrantes da banda Guineense Super Mama Djombo, famosa nos anos 1970, mas agora dispersa.

The film is directed by French artist and filmmaker PHILIPPE BÉZIAT, who has made over twenty documentaries for theatres and television, mostly about the classical music world, such as *Pelléas and Mélisande*, *The Song of the Blind*, *The Wedding*, *Strawinsky-Ramuz* and *Becoming Traviata*. He has also worked on film-recordings of several operas as well as the video design for dance and opera productions. The film is based on the novel *Les Grands* (Gallimard, 2014), by author SYLVAIN PRUDHOMME, who was born in the South of France but spent his childhood in Africa. He studied literature in Paris and began to write novels focusing on Africa. His books have won many prestigious awards. *Les Grands* tells the story of ex-members of Super Mama Djombo, a band from Guinea Bissau, famous in the 1970s but now dispersed.

Apresentação do projecto “É preciso avisar toda a gente”: Música e exílio em França durante o regime do Estado Novo (1933-1974)

por MANUEL DENIZ SILVA, RICARDO ANDRADE e HUGO CASTRO

TEATRO GARCIA DE RESENDE
5 OUT
18h00

É conhecido o papel fundamental da música enquanto instrumento de resistência cultural e de contestação política durante a ditadura portuguesa, sob a forma de canções de protesto cantadas em reuniões clandestinas, greves, manifestações não autorizadas ou comícios estudantis. Muitos dos autores destas canções estiveram exilados em França, destino frequente daqueles que se recusaram a viver

com a sua liberdade manietada. Este projecto, que reúne especialistas em diferentes domínios (musicologia, etnomusicologia, história política, social e cultural, estudos de teatro e cinema), propõe-se estudar o impacto da experiência do exílio político na criação musical, a partir do levantamento de documentos em Portugal e em França relativos a este período, e da recolha de testemunhos orais.

MANUEL DENIZ SILVA, musicólogo, professor na NOVA FCSH, investigador do INET-md, coordenador do projecto “É preciso avisar toda a gente”.

RICARDO ANDRADE, etnomusicólogo, investigador do INET-md, curador do Centro de Estudos e Documentação José Mário Branco - Música e Liberdade.

HUGO CASTRO, etnomusicólogo, investigador do INET-md, curador do Centro de Estudos e Documentação José Mário Branco - Música e Liberdade.

MANUEL DENIZ SILVA, musicologist, professor at NOVA FCSH, researcher at INET-md, coordinator of the project “É preciso avisar toda a gente” (“We must warn everyone”).

RICARDO ANDRADE, etnomusicologist, researcher at INET-md, curator at the Centro de Estudos e Documentação José Mário Branco - Música e Liberdade.

HUGO CASTRO, ethnomusicologist, researcher at INET-md, curator at the Centro de Estudos e Documentação José Mário Branco - Música e Liberdade.

Research project “We must warn everyone”: Music and Portuguese exile in France during the Estado Novo regime (1933-1974)

by MANUEL DENIZ SILVA, RICARDO ANDRADE and HUGO CASTRO

The fundamental role of music as an instrument of cultural resistance and political protest during the Portuguese dictatorship is well known, in the form of protest songs sung at clandestine meetings, strikes, unauthorized demonstrations or student rallies. Many of the authors of these songs were exiled in France, a frequent destination for those who refused to live with their freedom limited.

This project, which brings together specialists in different fields (musicology, ethnomusicology, political, social and cultural history, theatre and cinema studies), aims to study the impact of the experience of political exile on musical creation, based on the collection of documents in Portugal and France relating to this period, and the collection of oral testimonies.



© Michel Morange

Cantautora discreta, Amélia Muge é um dos maiores tesouros da música popular portuguesa, trazendo, sem esforço, as raízes e as tradições para a contemporaneidade, num caminho que faz dela a mais justa seguidora de José Afonso, José Mário Branco e Fausto. Autora de fados cantados por Ana Moura, Camané ou Mísia, é no seu trabalho em nome próprio – engrandecido pela valorosa colaboração de António José Martins – que viaja entre os sons sorvidos na sua infância moçambicana, as

profundezas das regiões portuguesas e o experimentalismo electrónico que conhecemos de Laurie Anderson. O seu último álbum, *Amélias*, lançado 30 anos após a sua estreia discográfica e logo carimbado como obra-prima da música nacional, transporta no título as muitas dimensões da sua música. Ao Expresso, dando uma impressionante imagem do tanto que cabe nas suas canções, Amélia Muge descreveu o disco como situando-se “entre o canto dos Neanderthal e o HAL 9000 de 2001 Odisseia no Espaço”.

Voices and pandeiretas parece uma combinação fadada a replicar uma música rural e ancestral, ligada a uma qualquer essencialidade telúrica. Mas no caso das Tanxugueiras esse ponto de partida não as priva de, mantendo uma relação profunda com as raízes musicais galegas, trazer para os seus temas fatias de música electrónica, rock e pop contemporânea. Dizem que são protagonistas de uma (r)evolução da música tradicional da Galiza, e é exactamente isso que colocam nos discos e nos palcos por onde passam: uma tradição que pega nas melodias e

nos ritmos herdados dos mais velhos e os faz evoluir até uma sonoridade que, quase por acidente, se torna revolucionária. Até porque, além da ligação a correntes urbanas, a reinterpretação de coplas tradicionais pelas três Tanxugueiras – que se estrearam em disco em 2018 – aponta também a temáticas em torno da ausência de fronteiras e do empoderamento feminino. Sempre com a celebração no horizonte – ou não fosse esta cultura tradicional transportada para uma singular pista de dança.

Amélia Muge

PORTUGAL

TEATRO GARCIA DE RESENDE
5 OUT
21h30



Discreet singer-songwriter, Amélia Muge is one of the greatest treasures of Portuguese popular music, effortlessly bringing her roots and traditions into the contemporary, in a path that makes her the closest follower of José Afonso, José Mário Branco and Fausto. Writer of fados sung by Ana Moura, Camané or Mísia, it is in her own work – enhanced by the valuable collaboration of António José Martins – that she travels between the sounds absorbed in her Mozambican childhood, the depths of the Portuguese regions

and the electronic experimentalism that we know from Laurie Anderson. Her latest album, *Amélias*, released 30 years after her recording debut and soon hailed as a masterpiece of Portuguese music, conveys in the title the many dimensions of her music. To Expresso, giving an impressive image of just how much fits into her songs, Amélia Muge described the album as being “between the Neanderthal song and HAL 9000 from 2001 Space Odyssey”.

Tanxugueiras

GALIZA



© Rocio Cibes

TEATRO GARCIA DE RESENDE
5 OUT
22h45

Voices and tambourines seems like a combination destined to replicate rural and ancestral music, linked to some telluric essentiality. But in the case of Tanxugueiras, this starting point does not deprive them of, bringing slices of electronic music, rock and contemporary pop to their tunes, while maintaining a deep relationship with Galician musical roots. They say that they are the protagonists of a (r)evolution of traditional music from Galicia, and that is exactly what they put on the records and on the stages where they perform: a tradition that takes

the melodies and rhythms inherited from the elders and makes them evolve into a sound that, almost by accident, becomes revolutionary. Especially because, in addition to the connection to urban trends, the reinterpretation of traditional coplas by the three Tanxugueiras – who's recording debut was in 2018 – also points to themes around the absence of borders and female empowerment. Always with celebration on the horizon – as this traditional culture is transported to a unique dance floor.

Povo Que Canta

PORTUGAL 1972

[seleção de três filmes da colectânea
Povo que Canta, dos Arquivos da RTP]

Série da autoria do etnomusicólogo Michel Giacometti, exibida entre 1971 e 1974. Uma viagem pelo Portugal profundo, em busca das imagens e das vozes com que se produziu uma das mais importantes recolhas antológicas de sempre da música regional portuguesa. Serão exibidos os excertos, *O S. João na Tradição Musical Popular* 1972, *Cantos e Ritmos de Trabalho* 1962 e *Cantos do Trabalho* 1972.

O Alentejo, a bela província do centro e sul de Portugal onde se localiza Évora, possui uma rica tradição musical, ligada ao ciclo agrícola e às festas religiosas (por exemplo, de São João). Muitos desses estilos musicais notáveis, com canções de homens e mulheres para coordenar o

duro trabalho manual da agricultura e da pesca, estão a desaparecer no século XXI juntamente com os antigos modos de vida, à medida que a própria terra é transformada pela agricultura industrializada. Extraído do arquivo da RTP [Rádio e Televisão de Portugal], apresentamos uma seleção de *Povo Que Canta*, com antigas imagens etnográficas a preto e branco filmadas no interior e litoral portugueses entre 1962-72. Felizmente, os grupos corais *a cappella* de Portugal, como os Cantares de Évora e os Cantadores de Desassossego, que se apresentam no programa do Festival Imaterial, mantêm vivas algumas destas tradições centenárias. Estes filmes são uma rara e fascinante janela para uma época passada da Península Ibérica.

Series by the ethnomusicologist Michel Giacometti, shown between 1971 and 1974. A journey through deepest Portugal, in search of the images and voices with which one of the most important anthological collections of Portuguese regional music ever was produced. Screening of the clips *O S. João na Tradição Musical Popular* 1972, *Cantos e Ritmos de Trabalho* 1962 e *Cantos do Trabalho* 1972.

Alentejo, the beautiful province of central and southern Portugal where Evora is located, boasts a rich musical tradition, connected with the agricultural cycle and with religious festivities (for example for Sao Joao). Many of these remarkable musical styles, featuring

songs by men and women to coordinate tough manual labour of farming and fishing, are disappearing along with the old ways of life, as the land itself becomes transformed by industrialised farming. Drawn from the RTP [Radio Television Portugal] archive, we present a selection of *Povo Que Canta*, with old black and white ethnographic footage filmed in the Portuguese countryside and coast between 1962-72. Fortunately, Portugal's *acappella* choral groups like Cantares de Evora and Cantadores de Desassossego, who are performing in the Imaterial Festival programme, keep some of these centuries-old traditions alive. These films are a rare and fascinating window onto a bygone era of the Iberian peninsula.



Autoria **Author and researcher** MICHEL GIACOMETTI
Realizado por **Directed by** ALFREDO TROPA PT
60"

Filme apresentado por LUÍSA TIAGO DE OLIVEIRA (ISCTE)
Film presented by LUÍSA TIAGO DE OLIVEIRA (ISCTE)

MICHEL GIACOMETTI foi um etnomusicólogo francês, nascido na Córsega, que se mudou para Portugal em 1959 para pesquisar e documentar a música tradicional do país. Entre 1970-74 viajou pelo país com uma equipa de cinema e som da RTP (Rádio Televisão Portuguesa), criando a notável série "Povo Que Canta", um registo documental único do património imaterial musical de Portugal, mas também das desigualdades e as condições de trabalho explorado da época.

MICHEL GIACOMETTI was a French ethnomusicologist, born in Corsica, who moved to Portugal in 1959 in order to research and document the folk music of the country. Between 1970-74 he travelled around the countryside with an audio and film team from RTP (Portuguese Radio Television), creating the remarkable series "Povo Que Canta" (People who sing), a unique documentary record of Portugal's intangible musical heritage but also of the inequalities and exploitative working conditions of the time.

LUÍSA TIAGO DE OLIVEIRA
Doutorada em História Moderna e Contemporânea em 2000 pelo ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. Professora Auxiliar no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa e investigadora integrada do CIES Centro de Investigação e Estudos de Sociologia.

LUÍSA TIAGO DE OLIVEIRA
PhD in Modern and Contemporary History in 2000 at ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. Assistant Professor at ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa and a full researcher at CIES - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (Centre for Research and Studies in Sociology).

LEATRO GARCIA DE RESENDE
6 OUT
15h30

Tango e Chamamé. Duas Músicas e Danças Patrimonizais da Argentina. Clássicos e Futuros Clássicos

PALÁCIO DOM MANUEL
6 OUT
18h00

por LILIANA BARELA / AR

O tango e o chamamé são desde 2009 e 2020, respectivamente, Património Imaterial da Humanidade de acordo com a UNESCO. E são duas expressões maiores da cultura argentina, com as suas próprias melodias, poéticas e danças, a primeira de cariz urbana, a segunda de origem rural. A uni-las, por outro lado, um instrumento que

lhes é comum – o bandoneón. Mas partilham também um semelhante diálogo entre a tradição e a inovação que faz de ambas as linguagens vivas e sintonizadas com o presente. Liliana Barela falar-nos-á das histórias destas duas músicas, das origens e das suas proibições, conduzindo-nos até ao momento que hoje atravessam.



Tango and chamamé. Two music and dance heritages from Argentina. Classics and future classics,

by LILIANA BARELA / AR

Tango and Chamamé are since 2009 and 2020, respectively, Intangible Cultural Heritage according to UNESCO. And they are two major expressions of Argentine culture, with their own melodies, poetics and dances, the first of an urban nature, the second of rural origin. To unite them, on the other hand, an instrument that is common

to them – the bandoneón. But they also share a similar dialogue between tradition and innovation that makes both languages alive and in tune with the present. Liliana Barela will tell us about the stories of these two songs, their origins and their prohibitions, leading us to the moment they are going through today.

LILIANA GRACIELA BARELA, professora de História, directora geral do Património e Instituto Histórico da Cidade de Buenos Aires (2007-2015), coordenadora da candidatura do Tango e Património Imaterial da Humanidade.

LILIANA GRACIELA BARELA, History Professor, General Director of the Heritage and Historical Institute of the city of Buenos Aires (2007-2015), Coordinator of the application of Tango to the Representative List of Intangible Cultural Heritage of UNESCO

Natch

CABO VERDE



PALÁCIO DOM MANUEL
6 OUT
21h30

A História da música é fértil em descobertas tardias, colocando-nos diante de súbitos maravilhamentos desencadeados por homens e mulheres que, tendo chegado ao mundo com um dom extraordinário, passam décadas na sombra. Até ao dia em que um despertar colectivo tenta compensar os anos em que não ouvimos, por exemplo, a voz de Natch Eugénio Costa Santos. Nascido em São Tomé mas levado para Cabo Verde aos seis meses, Natch é uma daquelas vozes que parece existir fora do tempo, feita de uma doçura

que inunda as “suas” mornas de uma vida passada nas ruas do Mindelo. Vocalista do grupo Kings, nos anos 80, e durante algum tempo cantando a troco das moedas de quem passava por aquele canto sem tecto, Natch é um conhecedor profundo da morna e da coladeira, os géneros que Cesária Évora espalhou pelo planeta. E é o encontro entre a sua história pessoal e o seu entendimento inesgotável das músicas locais que se desprende de cada sílaba que nos canta. Como se Natch e a morna fossem um só.

The history of music is ripe in late discoveries, putting us before sudden wonders unleashed by men and women who, having arrived in the world with an extraordinary gift, spend decades in the shadows. Until the day when a collective awakening tries to compensate for the years in which we haven't heard, for example, the voice of Natch Eugénio Costa Santos. Born in São Tomé but taken to Cape Verde at the age of six months, Natch is one of those voices that seems to exist outside of time, made of a sweetness that floods

“his” mornas from a life spent on the streets of Mindelo. Vocalist of the group Kings, in the 80s, and for some time singing in exchange for the coins of those who passed through that roofless corner, Natch has a deep understanding of morna and coladeira, the genres that Cesária Évora spread across the planet. And it's the meeting between his personal story and his inexhaustible understanding of local music that comes out of each syllable she sings to us. As if Natch and the morna were one.

Sigo Siendo

FRANÇA/ GUINÉ-BISSAU 2022

Sigo Siendo [Kachkaniraqmi] deriva seu título de uma frase Quéchuá – que significa “apesar de todos os desafios da vida, eu ainda existo”. (Citado do célebre escritor e etnógrafo do Peru José María Arguedas). Isso dá o tom para este filme extraordinário que documenta a notável diversidade, beleza e fragilidade da cultura musical do Peru nas mãos de algumas de suas populações mais marginalizadas que conseguem manter as suas tradições vivas como uma orgulhosa expressão de identidade. Com algumas exceções, como a cantora afroperuana Susana Baca e Magaly Solier de Ayacucho, a música e os artistas apresentados neste documentário são pouco conhecidos fora de suas regiões nativas. O filme retrata a vida de artistas que estão enraizados em antigos modos

Sigo Siendo [Kachkaniraqmi] derives its title from a Quechua phrase – meaning, “despite all life’s challenges, I still exist”. (Quoted from Peru’s celebrated writer and ethnographer José María Arguedas). This sets the tone for this extraordinary film documenting the remarkable diversity, beauty and fragility of Peru’s musical culture in the hands of some of its most marginalised populations who manage to keep their traditions alive as a proud expression of identity. With a few exceptions, such as Afroperuvian singer Susana Baca and Magaly Solier from Ayacucho, the music and artists featured in this documentary are hardly known outside their native regions. The film portrays the lives of artists who are rooted in old ways of

de vida que evoluíram ao longo da história e nas variadas paisagens do Peru: na Amazônia, até os altos Andes com as suas harpas e *charangos*, e até Lima e o litoral, com sua forte herança afroperuana. Mas também vemos algumas interações inesperadas entre gerações e regiões. Em todos os lugares vemos a ligação direta que os músicos fazem entre a terra, a água, o terreno montanhoso, os animais e o mundo espiritual, onde a canção, a dança e a música instrumental têm o poder de expressar alegria e aliviar a dor. Com atuações emocionantes filmadas em lugares remotos e acidentados de todo o país, o filme mostra algumas das tradições musicais menos conhecidas, mais expressivas e talvez mais ameaçadas do mundo.

life that have evolved through history and across Peru’s varied landscapes: in the Amazon, through to the high Andes with their harps and *charangos*, and down to Lima and the coast, with its strong Afroperuvian heritage. But we also see some unexpected interactions across generations and regions. Everywhere we see the direct connection that musicians make between land, water, mountainous terrain, animals and the spirit world, where song, dance and instrumental music have the power to express joy and alleviate pain. With moving performances filmed in remote and rugged places from around the country, the film showcases some of the world’s least known, most expressive and perhaps most endangered musical traditions.

JAVIER CORCUERA é um dos realizadores de documentários mais eloquentes e socialmente empenhados do Peru. Nascido e criado em Lima, estudou cinema primeiro no Peru e depois em Madrid, onde vive atualmente. Ao longo de duas décadas, os seus premiados filmes, focam temas de preocupação humanitária de todo o mundo, como seu primeiro documentário de longa-metragem, *La Espalda del Mundo* (2000), que retrata três estudos de caso de abuso de direitos humanos no Peru, Turquia e nos EUA. Outros filmes incluem *La Guerrilla de la Memoria* (2002) sobre a resistência

oculta a Franco após a Guerra Civil Espanhola, e *Winter in Baghdad* (2005) sobre a ocupação do Iraque pelos EUA.

SARA VAN é cantora e faz parte do extraordinário elenco de artistas Peruanos retratados no filme *Sigo Siendo*. Professora de línguas e artista multifacetada radicada em Madrid. Como compositora e intérprete, o seu repertório é eclético, essencialmente inspirado na música popular peruana que combina com sons que vão do tango ao rock, passando pelo folk, copla ou chanson.

AUDITÓRIO SOROR MARIANA
7 OUT
15h30

Com a presença de Sara Van, artista Peruana do elenco do filme
With the presence of Sara Van, Peruvian artist featured in the film



Realizado por Directed by
JAVIER CORCUERA
1'57"

Director JAVIER CORCUERA is one of Peru’s most eloquent and socially committed documentary filmmakers. Born and raised in Lima Peru, he studied cinema first in Peru and later in Madrid, where he now lives. His award-winning films, spanning over two decades, focus on topics of humanitarian concern from around the globe. His first feature-length documentary, *La Espalda del Mundo* (2000), portrays case studies of human rights’ abuse from Peru, Turkey and the USA. Other films include *La Guerrilla de la Memoria* (2002) about

the hidden resistance to Franco after the Spanish Civil War, and *Winter in Baghdad* (2005) about the USA occupation of Iraq.

SARA VAN is a singer, one of the outstanding Peruvian artists featured in *Sigo Siendo*. She is a language teacher and multiskilled artist based in Madrid. As a composer and performer, her repertoire is eclectic, essentially inspired by Peruvian popular music, combined with sounds ranging from tango to rock, folk, copla or chanson.

Estado Geral do Cante em 2022

por PAULO LIMA, FRANCISCO TORRÃO e JOSÉ GUERREIRO

PALÁCIO DOM MANUEL
7 OUT
18h00

Após o entusiasmo e a euforia em torno da inscrição pela UNESCO do cante alentejano enquanto Património Imaterial da Humanidade, em 2014, o que se passou com este canto coral polifônico? Três vozes estudiosas do cante reúnem-se não apenas para discutir o processo histórico que transformou uma prática espontânea num património reconhecido institucionalmente, mas também para trocar ideias sobre o impacto que a distinção da UNESCO teve na preservação, na revitalização e na divulgação desta música. Porque depois da festa vêm as preocupações com a sobrevivência de um género que luta contra o envelhecimento da população, o êxodo para os grandes centros urbanos e a transmissão de uma tradição num mundo cada vez mais como global.

PAULO LIMA, antropólogo, coordenador das candidaturas do Cante Alentejano, do Fabrico de Chocalho e da Morna (Cabo Verde) à Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da UNESCO.

FRANCISCO TORRÃO, mestre de Cante Alentejano, fundador do grupo coral Cantadores do Desassossego.

JOSÉ GUERREIRO, coordenador do Observatório do Cante Alentejano e do Centro de Documentação do Cante Alentejano.



Cante Alentejano in 2022 — State of the Art

by PAULO LIMA, FRANCISCO TORRÃO and JOSÉ GUERREIRO

After the enthusiasm and euphoria surrounding UNESCO's acceptance of the Cante Alentejo as an Intangible Heritage of Humanity, in 2014, what happened to this polyphonic choral song? Three voices studying Cante come together not only to discuss the historical process that transformed a spontaneous practice into an institutionally recognized heritage, but also to exchange ideas about the impact that the UNESCO distinction had on the preservation, revitalization and dissemination of this musical expression. Because, celebration aside, there are concerns about the survival of a genre that fights against the ageing of the population, the exodus to large cities and the transmission of a tradition in an increasingly global world.

PAULO LIMA, Anthropologist, Coordinator of applications of Cante Alentejano, Fabrico de Chocalho and Morna (Cape Verde) to the Representative List of Intangible Cultural Heritage of UNESCO.

FRANCISCO TORRÃO, Cante Alentejano singer and master, founding member of the coral group Cantadores do Desassossego.

JOSÉ GUERREIRO, coordinator of the "Observatório do Cante Alentejano" and the "Centro de Documentação do Cante Alentejano."

Os Barrut são sete cantores e um percussionista que encontram a fonte para as suas magnéticas e selváticas canções nas polifonias vocais da região francesa da Occitânia – o mesmo território de onde, na primeira edição do Imaterial, chegaram os San Salvador. Ao colectivo estado ébrio a que conduzem o seu público chamam “um fio estendido sobre o abismo”. Um fio que se atravessa, claro, de fôlego roubado pelas espantosas harmonias destas vozes que se unem e descasam, elas que são o equilíbrio bastante para

que nenhuma queda seja possível. Melodicamente irresistíveis, carregam o Mediterrâneo nos ritmos poderosos em que engancham cada tema, criando um ambiente sonoro sem igual, como um canto popular que se diria traduzir em cada instante o ambiente social e a natureza circundantes. Com uma poesia muito própria e acreditando que a sua música deve surgir de um processo de criação partilhado, os Barrut invadem-nos os sentidos sem esperar permissão.

Maria Madalena (Lia) quis que a ilha onde nasceu, Itamaracá, andasse sempre consigo palcos fora. Daí que tenha escolhido como nome artístico Lia de Itamaracá, espetando uma ban-deira nesse território do litoral norte de Pernambuco. Mas a sua música é tudo menos uma ilha. Ainda que seja conhecida como a “Rainha da Ciranda”, as suas canções são um lugar de cruzamento e mestiçagem, impregnadas de ritmos tradicionais como o coco, o maracatu, o frevo, o maxixe e, claro, a

ciranda. Entre composições próprias e clássicos da MPB, a septuagenária Lia de Itamaracá deixa baixar em si o espírito da ciranda – dança em que as pessoas se unem pelas mãos e formam um grande círculo, promovendo um sentido de celebração colectiva. É esse mesmo sentido de festa e de partilha que esta lenda da cultura nordestina planta em palco. Ou não assumisse como lema de vida que “a tristeza não pode com quem é alegre por natureza”.

PALÁCIO DOM MANUEL
7 OUT
21h30

Barrut

OCCITÂNIA

PAÍS DA FUNDAÇÃO INATEL
8 OUT
19h00



© Emma Gardeur

Barrut are seven singers and a percussionist who find the source for their magnetic and wild songs in the vocal polyphonies of the French region of Occitânia – the same territory from which, in the first edition of Imaterial, San Salvador arrived. The collective enebriated state to which they lead their audience is called “a thread stretched across the abyss”. A thread that crosses, of course, with breath stolen by the amazing harmonies of these voices that unite and part, they

balanced just enough so that no fall is possible. Melodically irresistible, they carry the Mediterranean in the powerful rhythms in which each song is hooked, creating a unique sound environment, like a popular song that can be said to translate the surrounding social environment and nature at every moment. With their own poetry and believing that their music must emerge from a shared creative process, Barrut invade our senses without asking for permission.

PALÁCIO DOM MANUEL
7 OUT
22h45

Lia de Itamaracá

BRASIL



Maria Madalena (Lia) wanted the island where she was born, Itamaracá, to always be with her on stage. That’s why she chose Lia de Itamaracá as her artistic name, putting up a flag in this territory on the north coast of Pernambuco. But her music is anything but an island. Although she is known as the “Queen of Ciranda”, her songs are a place of crossing and mixing, imbued with traditional rhythms such as coco, maracatu, frevo, maxixe and, of course, ciranda. Between her own

compositions and MPB (Brazilian Popular Music) classics, the septuagenarian Lia de Itamaracá is a vehicle of the spirit of ciranda – a dance in which people join hands and form a large circle, promoting a sense of collective celebration. It is this same sense of celebration and sharing that this legend of Northeastern Brazilian culture puts on stage. Just as her motto of life is “sadness cannot bear those who are happy by nature”.

Apresentação do livro “Severa 1820”

PALÁCIO DOM MANUEL
8 OUT
16h00

Edição comemorativa do duplo centenário do nascimento de Maria Severa Onofriana (1820-1846) e dos Dez Anos da inscrição do Fado na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da UNESCO (2011-2021) por PAULO LIMA e JOSÉ MOÇAS

O livro *Severa 1820*, é um trabalho no qual se cruza a história e a reflexão crítica sobre o Fado, canção de Lisboa. Tomando como figura central Maria Onofriana Severa (1820-1846), uma das mais importantes, e desconhecidas, personagens da história do Fado, e ícone de Lisboa, procura-se desvendar a sua vida real, acompanhando a sua transformação em mito urbano. Cruza-se esta construção com o processo histórico que levou o Fado a ser inscrito pela UNESCO, em 2011, como Património Mundial. Este livro é também, e antes de mais, um livro político, questionando o acesso e o habitar da *Cidade* pelas margens ‘invisíveis’. É uma obra coletiva que junta alguns dos maiores especialistas portugueses sobre estas temáticas. Tem a coordenação do antropólogo Paulo Lima e é uma edição Tradisom.

PAULO LIMA, antropólogo, coordenador das candidaturas do Cante Alentejano, do Fabrico de Chocalho e da Morna (Cabo Verde) à Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da UNESCO.

JOSÉ MOÇAS, director da editora Tradisom, professor auxiliar convidado do INET – Instituto de Etnomusicologia de Aveiro.



Presentation of the book “Severa 1820”

A commemorative edition of the double centenary of the birth of Maria Severa Onofriana (1820-1846) and of the Ten Years of the inclusion of Fado on the UNESCO List of Intangible Cultural Heritage (2011-2021) by PAULO LIMA and JOSÉ MOÇAS

The book *Severa 1820* is a work in which history and critical reflection on Fado, the music of Lisbon, intersect. Taking Maria Onofriana Severa (1820-1846) as a central figure, one of the most important, and unknown, characters in the history of Fado, and an icon of Lisbon, the work seeks to unveil her real life, following her transformation into an urban myth. This construction intersects with the historical process that led Fado to be listed as World Heritage by UNESCO in 2011. This book is also, and above all, a political book, questioning the access and inhabiting of the City through the ‘invisible’ margins. It is a collective work that brings together some of the greatest Portuguese experts on these subjects. It is coordinated by the anthropologist Paulo Lima and is released by Tradisom.

PAULO LIMA, Anthropologist, Coordinator of applications of Cante Alentejano, Fabrico de Chocalho and Morna (Cape Verde) to the Representative List of Intangible Cultural Heritage of UNESCO.

JOSÉ MOÇAS, director of TRADISOM music label and publisher, guest assistant Professor at INET – Instituto de Etnomusicologia de Aveiro.

O contínuo apartheid na música internacional. Colonialismo e racismo nos mass media

PALÁCIO DOM MANUEL
8 OUT
18h00

por IAN BRENNAN e MARILENA UMUHOZA DELLI (Estados Unidos/Itália)

A partir da experiência de Ian Brennan enquanto produtor (Tinariwen, Zomba Prison Project, Ustad Saami) e autor, e de Marilena Umuhoza Delli enquanto documentarista com gravações de campo em países como Ruanda, Comoros, Kosovo, Vietname e Roménia, este é um espaço de discussão sobre a escassez de diversidade regional, de classe e linguística no universo da cultura popular. Munidos de dados sobre a indústria musical planetária controlada por multinacionais e sobre a reduzida elite que concentra quase toda a atenção e os proveitos das plataformas digitais, Brennan e Umuhoza interrogam a zona de exclusão anti-democrática em que se tornaram os grandes divulgadores da música à escala mundial.

IAN BRENNAN, produtor musical, vencedor de dois Grammy (Zomba Prison, Project, Tinariwen), autor de sete livros, colaborador pontual do New York Times e da PBS Television.

MARILENA UMUHOZA DELLI, autora, documentarista e fotógrafa publicada por BBC, CNN, Al Jazeera, The Guardian, VICE, Litération, Rolling Stone, Smithsonian ou New York Times.



© Marilena Umuhoza Delli

The Continued Apartheid of International music. Colonialism & racism in mass media

by IAN BRENNAN and MARILENA UMUHOZA DELLI (USA/Italy)

Based on the experience of Ian Brennan as a producer (Tinariwen, Zomba Prison Project, Ustad Saami) and author, and of Marilena Umuhoza Delli as a documentary filmmaker with field recordings in countries such as Rwanda, Comoros, Kosovo, Vietnam and Romania, this is a place for discussion on the scarcity of regional, class and linguistic diversity in the universe of popular culture. Armed with data on the global music industry controlled by multinationals and on the reduced elite that concentrates almost all the attention and profits from digital platforms, Brennan and Umuhoza question the anti-democratic exclusion zone in which the large promoters of music on a global scale have become.

IAN BRENNAN, music producer, Grammy winner (Zomba Prison Project, Tinariwen), author of seven books, occasional contributor to the New York Times and PBS television.

MARILENA UMUHOZA DELLI, author, documentary filmmaker and published photographer on BBC, CNN, Al Jazeera, The Guardian, VICE, Litération, Rolling Stone, Smithsonian or New York Times.

Nascida no Japão, foi nesse país que Soona Park primeiro contactou com o gayageum, um instrumento de cordas de tradição coreana, semelhante ao guzheng chinês ou ao dân tranh vietnamita. Se a paixão inicial a fulminou num ambiente escolar ligado à diáspora coreana, no final da adolescência Soona Park tomou a decisão de mergulhar a fundo no estudo do instrumento, mudando-se por alguns anos para a Coreia do Norte, estudando com vários mestres locais, antes de prosseguir

a sua aprendizagem do outro lado da fronteira, na Coreia do Sul. A sua música vive tanto do extraordinário domínio técnico do gayageum, quanto da sua técnica particular, buscando a reverberação e a exploração das características mais líricas do instrumento. Apesar do estudo rigoroso da tradição musical do gayageum, Soona Park conquistou é uma inovadora que aplica a sua ampla visão às possibilidades musicais que estas cordas nem sabiam poder oferecer.

8 OUT
21h30
SEDE DA FUNDAÇÃO INATEL

Soona Park

COREIA DO SUL



Born in Japan, it was in this country that Soona Park came into contact with the gayageum, a stringed instrument from the Korean tradition, similar to the Chinese guzheng or the Vietnamese dân tranh. If her initial passion was lit in a school environment linked to the Korean diaspora, in her late teens Soona Park made the decision to delve deeper into the study of the instrument, moving to North Korea for a few years, studying with various locals, before continuing to

learn across the border in South Korea. Her music feeds off both the technical domain of the gayageum and her particular technique, seeking reverberation and exploring the instrument's most lyrical characteristics. Despite the rigorous study of the musical tradition of the gayageum, Soona Park is an innovator who applies her broad vision to the musical possibilities that these strings did not even know they could offer.

Petiscar com Cante e com o Fado

por CANTARES DE ÉVORA e HELDER MOUTINHO

Entradas limitadas sujeitas à lotação da sala

SEDE CANTARES DE ÉVORA
9 OUT
16h00



Appetizers, Cante Alentejano and Fado

Por CANTARES DE ÉVORA e HELDER MOUTINHO

Limited admissions subject to room capacity

Em casos iluminados, como o de Haïg Sarikouyoumdjian, a descoberta de um instrumento durante a infância pode levar a que o seu crescimento se torne indistinto da relação entre os dois e, às tantas, um pareça não existir sem o outro. Sarikouyoumdjian descobriu o duduk (oboé que é tido como a alma do povo arménio, inscrito pela UNESCO no Património Imaterial da Humanidade desde 2005) aos dez anos e, desde então, começou a embrenhar-se num som tão belo e melancólico que não tardou a encantar Jordi Savall

e a ser chamado pelo maestro catalão. O músico arménio junta-se aqui, num tocante duo, à franco-iraniana Farnaz Modarresifar, uma das mais virtuosas tocadoras de santur (instrumento de cordas da família do saltério) e cuja actividade como compositora a levará a estreitar várias peças na Philharmonie de Paris nos próximos meses. Neste encontro inédito, os dois músicos aproximam e tacteiam diferentes tradições musicais e, sobretudo, inventam um novo lugar de revelação e maravilhamento.

Farnaz Modarresifar & Haïg Sarikouyoumdjian

IRÃO/ARMÉNIA

PALÁCIO DOM MANUEL
9 OUT
21h30



In enlightened cases, such as that of Haïg Sarikouyoumdjian, the discovery of an instrument during childhood can lead to its growth becoming indistinguishable from the relationship between the two and, at times, one seems not to exist without the other. Sarikouyoumdjian discovered the duduk (oboe considered to be the soul of the Armenian people, listed by UNESCO as Intangible Cultural Heritage since 2005) at the age of ten and, since then, he began to immerse himself in such a beautiful and melancholy sound that it did not take long to enchant Jordi Savall and to be called by the Catalan maestro.

The Armenian musician comes joins the Franco-Iranian Farnaz Modarresifar, one of the most virtuous players of the santur (stringed instrument of the psalter family) and whose activity as a composer will lead him to show several pieces at the Philharmonie de Paris for the first time. Over the next few months, in this unprecedented meeting, the two musicians approach different musical traditions and, above all, invent a new place of revelation and wonder.

Grupo de Cantares de Évora

PORTUGAL

PALÁCIO DOM MANUEL
9 OUT
22h45



Fundado em 1979 por Joaquim Soares e Feliciano Cupido, o Grupo de Cantares de Évora preenchia o vazio de não existir na capital alentejana até então um grupo coral que interpretasse as modas tradicionais da região. Com a particularidade de ser um colectivo misto, respeitando as memórias de infância dos fundadores, quando assistiam ao regresso dos trabalhadores das jornadas de trabalho no campo num convívio que a todos dizia respeito, o rigor e a qualidade das suas apresentações tornou-o uma das formações de

referência do cante alentejano, tendo actuado para a Rainha Isabel II em 1985 e abrilhantado palcos por todo o mundo – da China ao Canadá, de Cuba ao Egipto, de Marrocos a Trindade e Tobago. Mas é na sua região que a música do Grupo de Cantares se revela maior e nos lembra o quanto cada uma destas modas soa a uma emanção directa da terra. Como se através destas mulheres e destes homens, a paisagem alentejana encontrasse forma de se manifestar.

Founded in 1979 by Joaquim Soares and Feliciano Cupido, the Grupo de Cantares de Évora filled the void in the Alentejo capital. Until then there was no choir in this city that performed the traditional songs of the region. With the particularity of being a mixed collective, respecting the childhood memories of the founders, when they watched the workers return from working days in the countryside in a conviviality that involved everyone, the rigor and quality of their performances made it one of the references of

Cante Alentejano, having performed for Queen Elizabeth II in 1985 and brightening stages all over the world – from China to Canada, from Cuba to Egypt, from Morocco to Trinidad and Tobago. But it is in its own region that the music of the Grupo de Cantares reveals itself most and reminds us how much each of these tunes sounds like a direct emanation from the earth. As if through these women and men, the Alentejo landscape found a way to express itself.

PALÁCIO DOM MANUEL
9 OUT
21h30

Prémio Imaterial — Lucy Durán

REINO UNIDO

Na sua primeira edição, o Imaterial quis de imediato distinguir e lançar alguma luz sobre aqueles que, pela sua exemplar prática, encostam o ouvido à tradição e nela sabem escutar muito mais do que um eco do passado. Instituiu-se, assim, o Prémio Imaterial, com a finalidade de dirigir um agradecimento público a individualidades que prestem um valioso serviço ao diálogo entre as diferentes culturas e à defesa intransigente dos direitos humanos e da igualdade entre os povos. Depois de Kepa Junkera, músico basco cujo percurso se pauta por uma visão muito pessoal daquilo que significa trabalhar a partir dos sons tradicionais, o Prémio Imaterial estende a sua vênua à etnomusicóloga e produtora baseada no Reino Unido, Lucy Durán. Filha do compositor espanhol Gustavo Durán, cedo o seu fascínio pela música africana a pôs a caminho do continente, com o propósito

de aprender e desbravar músicas que, na década de 1970, eram pouco conhecidas ou ignoradas pelo resto do mundo. Tendo dirigido as suas energias sobretudo para as músicas cubana e maliana – em especial a música das mulheres do Mali e da kora –, Lucy Durán produziu mais de 20 álbuns, assinados por músicos como Bassekou Kouyaté, Kasse Mady Diabaté ou Trio Da Kali com Kronos Quartet. Um dos seus registos mais importantes é o clássico imediato New Ancient Strings, duo de Toumani Diabaté e Ballaké Sissoko. A sua incansável missão de divulgação destas músicas levou Durán a criar os primeiros cursos em música da África Ocidental e de Cuba na SOAS University em Londres, a apresentar programas na BBC Radio 3 e a dedicar-se também ao cinema documental. É essa inspiradora e preciosa viagem que o Imaterial tem, agora, o prazer de homenagear.

Prémio – escultura de PEDRO FAZENDA
Prize – sculpture by PEDRO FAZENDA

Imaterial Award — Lucy Durán

UNITED KINGDOM

In its first edition, Imaterial immediately wanted to distinguish and shed some light on those who, through their exemplary practice, hear tradition and know how to listen to much more than an echo of the past. Thus, the Imaterial Prize was created, with the aim of giving public gratitude to individuals who provide a valuable service to the dialogue between different cultures and to the unpromising defence of human rights and equality between peoples. After Kepa Junkera, a Basque musician whose career is guided by a very personal vision of what it means to work from traditional sounds, the Imaterial Prize takes a bow to UK-based ethnomusicologist and producer Lucy Durán. Daughter of the Spanish composer Gustavo Durán, her fascination with African music soon led her to that continent, with the aim of learning and

discovering music that, in the 1970s, was little known outside the region. Having directed her energies mainly towards Cuban and Malian music – especially the music of Malian women and the kora – Lucy Durán has produced more than 20 albums, by musicians such as Bassekou Kouyaté, Kasse Mady Diabaté or Trio Da Kali with Kronos Quartet. One of her most important recordings is the immediate classic New Ancient Strings, the duo of Toumani Diabaté and Ballaké Sissoko. Her tireless mission to promote these songs led Durán to create the first courses in West African and Cuban music at SOAS University in London, to present programs on BBC Radio 3, and to also dedicate herself to making documentaries. Imaterial is now pleased to honor this inspiring and precious journey.



FESTIVAL IMATERIAL
Património pensado e vivido
1–9 OUT 2022
Évora, Portugal

info@festivalimaterial.pt

Secretariado do Festival:
Palácio Dom Manuel, 1 de Outubro
Teatro Garcia de Resende, de 2 a 5
de Outubro
Palácio Dom Manuel, de 6 a 9
de Outubro

ENTRADA LIVRE mediante levantamento de bilhete da BOL online ou nos locais dos espectáculos.

Para chegar a Évora, poderá fazê-lo de carro, mas também utilizando os transportes públicos, a CP – Comboios de Portugal ou Rede Expressos.

O festival acontece no centro histórico de Évora, onde tudo está a poucos passos de distância.

PALÁCIO DOM MANUEL
Entrada e saída pelo Portão da Praça 1º de Maio, Évora

TEATRO GARCIA DE RESENDE
Praça Joaquim António de Aguiar, Évora

AUDITÓRIO SOROR MARIANA
Rua Diogo Cão 8, Évora

FESTIVAL IMATERIAL
Heritage we think and live by
1–9 OCT 2022
Évora, Portugal

info@festivalimaterial.pt

Festival Administrative Office:
Palácio Dom Manuel, October 1
Teatro Garcia de Resende,
October 2 to 5
Palácio Dom Manuel, 6 to 9 October

FREE ENTRANCE. Booking at BOL online or at the venues Teatro Garcia de Resende and Palácio Dom Manuel

You can get to Évora by car, or using public transports, by train CP – Comboios de Portugal, or bus Rede Expressos.

The Festival takes place in the historical center of Évora, where everything is just a few steps away.

PALÁCIO DOM MANUEL
Entry and exit of the venue through the gate of Praça 1º de Maio, Évora

TEATRO GARCIA DE RESENDE
Praça Joaquim António de Aguiar, Évora

AUDITÓRIO SOROR MARIANA
Rua Diogo Cão 8, Évora



Cofinanciado por



Apoio à divulgação

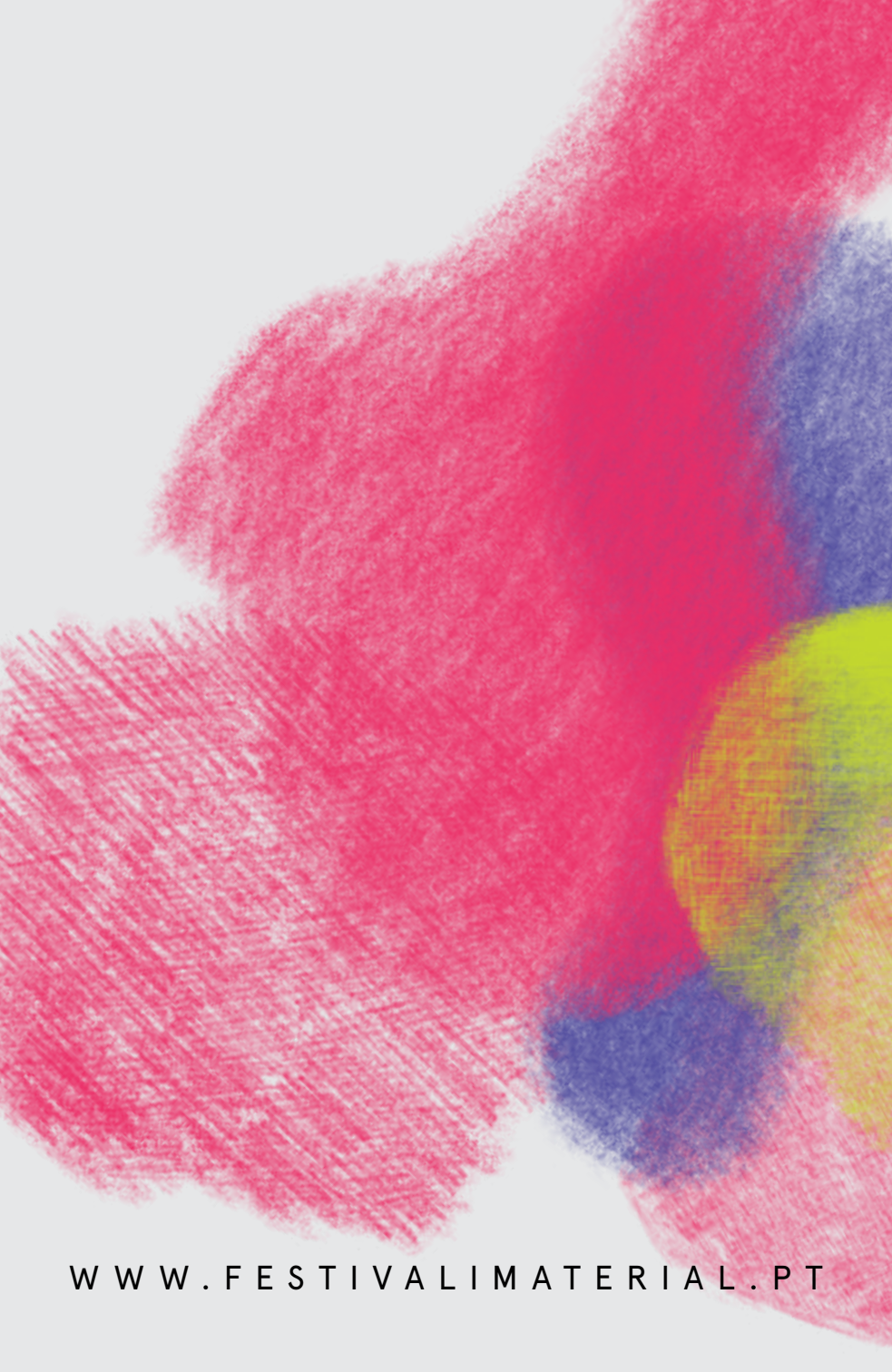


Os concertos de ANNIE EBREL & RICCARDO DEL FRA e BARRUT são organizados no âmbito da Temporada Portugal-França 2022



Comité de Mecenias da Temporada Portugal – França 2022





WWW.FESTIVALIMATERIAL.PT